

DINÂMICA DA  
**PRONOMINALIZAÇÃO**  
NO PORTUGUÊS  
DE LUANDA  
MARIA HELENA MIGUEL





MARIA  
ELENA  
MIGUEL

Natural da Gabela, Kwanza-Sul.

Tem o Curso de Magistério Primário e é licenciada em Linguística Portuguesa, pelo ISCED – Instituto Superior e Ciências da Educação da Universidade Agostinho Neto.

Leccionou em várias escolas e Institutos Normais do Bié e Luanda, no ISCED de Luanda, na Universidade Lusófona, estando actualmente na Universidade Católica de Angola em Luanda, a leccionar a disciplina de língua portuguesa, que acumula com o cargo de Vice-Reitora para os Assuntos Académicos.

Teve participação activa na elaboração dos Programas e currículos dos Institutos Médios Normais de Educação, sendo co-autora do Manual de Língua Portuguesa para a 10.ª classe do Ensino Médio *Outros Horizontes – Língua Portuguesa, 10.ª Classe*.

Tem orientado seminários sobre o ensino da Língua Portuguesa para formadores do Ensino Geral.

Além da presente obra de pesquisa *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda* é ainda autora das seguintes obras didácticas:

*Língua Portuguesa I, Funcionamento da Língua; "Língua Portuguesa II, Vocabulário";*

*Convergências*, manual de Português para a Universidade (co-autoria);

*Memórias Cativas* (Contos), assinado com o pseudónimo Marihel Ramos, sendo o seu primeiro livro de ficção.

4.550.00

**DINÂMICA DA  
PRONOMINALIZAÇÃO  
NO PORTUGUÊS  
DE LUANDA**

MARIA HELENA MIGUEL



**Colecção: Educação**

Copyright © Maria Helena Miguel/Mayamba Editora, 2014

*Título:* Dinâmica da Pronominalização  
no Português de Luanda

*Autora:* Maria Helena Miguel

*E-mail da autora:* mhsmiguel@hotmail.com

*Digitalização e Revisão:* Joaquina Nadine

*Editor:* Arlindo Isabel

*Capa:* Carlos Roque

*Paginação:* Luciano de Paula Almeida

*Impressão e Acabamento:* Agir - Produções Gráficas, Lda.  
Camarate - Portugal

*Tiragem:* 3000 exemplares

*Depósito Legal n.º:* 5319/2011 (Angola)  
378246/14 (Portugal)

*ISBN:* 978-989-8528-06-3

*1.ª Edição na Mayamba:* Luanda, Junho de 2014

*Colecção:* Escolar/Educação



**Mayamba Editora**  
Condomínio Vila Rios, Rua Rio Cuango, n.º 16, Camama  
Estrada Direita do Calemba 2  
Município de Belas - Luanda-Sul/Angola  
Cx. Postal 34 62  
Telf. +244 226 213 869  
E-mail: mayambaeditora@yahoo.com  
Site: www.mayambaeditora.co.ao  
Facebook: Mayamba Editora

Dedico esta obra, em primeiro lugar, à minha Mãe, a quem tudo devo.  
Ao Rui Miguel, meu marido, aos meus filhos Lília, Rui e Joshua.  
Ao mano Rui, às manas Madalena e Ju.  
A todos, com muito amor e carinho.

## LISTAGEM DE ABREVIATURAS

Ap	=	Agente da passiva
Cd	=	Complemento directo
Ci	=	Complemento indirecto
Ccc	=	Complemento circunstancial de companhia
EM	=	Ensino Médio
IMEL	=	Instituto Médio de Economia de Luanda
IMN	=	Instituto Médio Normal
ISCED	=	Instituto Superior de Ciências da Educação
JA	=	Jornal de Angola
KI	=	Kimbundu
Lb	=	Língua(s) Banta(s)
Lmt	=	Língua Materna
LN	=	Língua Nacional
Lo	=	Língua Oficial
LP	=	Língua Portuguesa
Pp	=	Pronome Pessoal
RNA	=	Rádio Nacional de Angola
TPA	=	Televisão Pública de Angola

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	11
I - ESTATUTO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA .....	13
1.1 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NACIONAL .....	13
1.2 POLÍTICA LINGUÍSTICA COLONIAL .....	14
1.3 POLÍTICA LINGUÍSTICA PÓS-INDEPENDÊNCIA .....	16
1.4 A LÍNGUA PORTUGUESA NO SISTEMA DE ENSINO ANGOLANO .....	21
1.4.1 O PORTUGUÊS, LÍNGUA DE ESCOLARIDADE: EM QUE CONDIÇÕES LINGUÍSTICO-PEDAGÓGICAS? .....	21
II - SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE LUANDA .....	27
2.1 A LÍNGUA PORTUGUESA EM LUANDA .....	27
2.2 KIMBUNDU, SUBSTRATO DO PORTUGUÊS EM LUANDA .....	32
2.3 CONTACTOS LINGUÍSTICOS E INTERFERÊNCIAS .....	33
III - EMPREGOS PRONOMINAIS NA NORMA DO PORTUGUÊS PADRÃO .....	35
3.1 PRONOMES RECTOS E PRONOMES OBLÍQUOS .....	36
3.1.1 EMPREGO DOS PRONOMES RECTOS .....	37
3.1.2 PRONOMES OBLÍQUOS .....	39
3.1.2.1 EMPREGO DOS PRONOMES TÓNICOS .....	39
3.1.2.2 EMPREGO DOS PRONOMES ÁTONOS .....	40
IV - EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS EM LÍNGUA KIMBUNDU .....	51

V - EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS DE LUANDA .....	57
5.1 EMPREGO DOS PRONOMES NO DISCURSO ORAL .....	57
5.1.1 POR POPULAÇÃO ESCOLARIZADA .....	57
5.1.2 EMPREGOS PRONOMINAIS PELA COMUNICAÇÃO SOCIAL (RÁDIO E TELEVISÃO) .....	62
5.1.3 PRONOMINALIZAÇÃO NA FALA DE POPULARES EM GERAL .....	66
5.2 EMPREGO DOS PRONOMES NO DISCURSO ESCRITO .....	69
5.2.1 EM PRODUÇÕES ESCRITAS .....	70
5.2.2 EMPREGOS PRONOMINAIS POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO (EM) .....	70
5.2.3 EMPREGOS PRONOMINAIS POR ESTUDANTES DA 8.ª CLASSE .....	76
5.2.4 EMPREGOS PRONOMINAIS POR ALUNOS DA 5.ª CLASSE .....	78
5.2.5 EMPREGOS PRONOMINAIS PELA IMPRENSA .....	86
5.2.6 EMPREGOS PRONOMINAIS EM OBRAS DE ESCRITORES ANGOLANOS .....	90
VI - CONCLUSÕES .....	93
6.1 SOBRE O EMPREGO DOS PP NO PORTUGUÊS DE LUANDA .....	93
6.1.1 PRONOMES RECTOS .....	93
6.1.2 PRONOMES OBLÍQUOS .....	94
6.2 INFLUÊNCIA DO KIMBUNDU NO EMPREGO PP .....	96
6.3 PAPEL DA ESCOLA E DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL .....	97
VII - RECOMENDAÇÕES .....	99
ANEXOS .....	101
BIBLIOGRAFIA .....	111

## INTRODUÇÃO

A prática do magistério da LP conduz-nos, com frequência, a reflexões sobre a persistência de determinados usos linguísticos. A insistência em debelar, no uso linguístico dos alunos, certos empregos da língua, resulta, por vezes, num efeito efémero. Volvido algum tempo, o erro volta a instalar-se, produto de maior e mais frequente exposição do aluno a usos linguísticos (em casa, na rua, no emprego...) mais generalizados. A forma linguística adquirida na escola, onde o tempo de prática da língua se restringe a pouco mais ou menos cinco horas semanais, perde-se.

Face a esta situação, que atitude assumir? Geralmente, as deficiências que os alunos possuem são, quase sempre, imputadas à sua precária preparação nas classes anteriores. Esta conclusão simplista limita o problema a um único domínio: o ensino. Contudo, ele ultrapassa o foro de qualquer pedagogia linguística e situa-se, a nosso ver, no domínio sociolinguístico.

Qualquer língua viva é susceptível de mutações: novas características vão-se implantando, outras vão-se reformando. Esta dinâmica origina a transformação da língua e não se produz de idêntica maneira em todos os territórios onde ela seja actualizada. Quer dizer que, por exemplo, a tendência que o português de Angola tenha ou venha a ter, não é, necessariamente, idêntica à do português falado noutros recantos. Daí a origem das variedades diatópicas. Na sequência dessas variações, países com línguas comuns adoptam padrões linguísticos que têm a ver com as suas próprias realidades sociolinguísticas e que, longe de porem em causa a unidade linguística do idioma, enriquecem-no. Tal é a situação da LP que detém dois padrões linguísticos:<sup>1</sup> o europeu e o

<sup>1</sup> Maria Lúcia G. Marques considera a existência de três normas no português: a europeia, a brasileira e a galega. In «A(s) Pátria(s) da Língua, A LP no Mundo, in Antologia – Problemática do Ensino da Língua Portuguesa em Contexto Lusófono: Espaços, Problemas e Reflexões», Vol I, ESE, Setúbal, 1994, s/pág.

brasileiro. Mas o estabelecimento de uma variedade padrão exige um profundo e sistemático estudo dos fenómenos linguísticos, dos seus traços distintivos, a nível das estruturas gramaticais.

O estudo e a descrição da LP em Angola é, ainda, incipiente, mas este idioma apresenta aqui usos peculiares, que começam a exigir uma sistematização para permitir que, no futuro, eles possam ser considerados como integrando a variante do português de Angola. Esta foi a razão que nos inspirou: o desejo de dar um modesto contributo para o estudo e sistematização do português em Angola – uma premência que se impõe, fundamentalmente por imperativos didácticos. Nesta óptica, a nossa opção foi direccionada para o estudo do emprego dos **pronomes pessoais**, uma das áreas de mais evidentes derivas, em relação ao português europeu padronizado, a referência do bom uso linguístico do português de Angola.

O estudo do emprego dos Pp restringir-se-á, aqui, a Luanda. A descrição da norma do português relativamente a esta temática apresentou-se-nos como um imperativo.

Alusões ocasionais serão feitas à variedade brasileira, por nos parecer existir uma grande afinidade no emprego dos Pp entre o uso brasileiro e o uso angolano. Por outro lado, a fala brasileira convive, diariamente, com o público luandense de há alguns anos a esta parte, num programa televisivo de grande audiência: a telenovela. Deste contacto com o português do Brasil, ressaltam já algumas influências no português de Luanda, que se evidenciam nas designações de alguns mercados da capital: «Roque Santeiro», «Beato Salu», «Asa Branca», «Os Trapalhões»...

Os brasileiros fazem um uso dos pronomes pessoais que se demarca do padrão de Portugal. Terá esse uso repercussões no emprego dos pronomes pelos angolanos, a exemplo da interferência a nível lexical? Provavelmente. Todavia, a nossa pesquisa não se debruçará, directamente, sobre essa vertente. Abordará, sim, a influência do substrato linguístico do português em Luanda – o kimbundu – que será analisado, no tocante à pronominalização, numa perspectiva sociolinguística.

# I

## ESTATUTO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA

### 1.1 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NACIONAL

A situação linguística de Angola, tal como a da maioria dos países africanos, caracteriza-se por uma grande heterogeneidade. A maior parte das línguas angolanas são de origem *bantu* e têm uma localização territorial mais ou menos limitada e definida.

A par das línguas africanas, o português, língua europeia imposta durante a colonização, é a que apresenta maior difusão territorial, não obstante não ser dominada por muitos angolanos. Esta língua tem um carácter multifuncional, quer dizer, é utilizada como língua intranacional (na actividade quotidiana dos órgãos do Governo, incluindo o ensino) e internacional. O estatuto que lhe foi conferido ocorre «a troca das vantagens de não se ferirem sensibilidades internas e possibilitar a manutenção ou estabelecimento do diálogo com o exterior.»<sup>2</sup>

Com alguma frequência, ao referirem-se dados sobre os efectivos de locutores de português, tem-se considerado o domínio deste idioma por todos os angolanos. Todavia, a realidade é outra: a maioria da população rural fala mal ou desconhece mesmo este sistema linguístico.

<sup>2</sup> BARRETO, Manuel Saraiva, *Para uma Lusofonia Moçambicana. Algumas Questões Linguísticas e didácticas*, 1.º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português, Actas, 1987, pág. 529.

## 1.2 POLÍTICA LINGUÍSTICA COLONIAL

No momento da colonização, a grande maioria das línguas africanas eram ágrafas. A inexistência de textos escritos pelos africanos nas suas línguas originou a catalogação do continente como “incivilizado”, sem história e sem cultura. Isto legitimou a colonização que assim surgia como sinónimo de “civilização”.

Genericamente, a política colonial portuguesa pautou-se pela tentativa de integrar os angolanos na cultura europeia. Para este efeito, o recurso a um dos principais e mais poderosos meios de aculturação – a língua – era inevitável. Desta forma, estabeleceu-se uma acérrima oposição entre a LP e as línguas locais africanas que, na aceção colonial, devido à sua multiplicidade, constituíam um sério obstáculo à unidade, enquanto o português era a língua da cultura e da tecnologia. O Governo colonial não hesitou em impor o uso desta língua no ensino, hostilizando as línguas africanas.

As reacções às legislações que vedavam o ensino em línguas africanas foram diversas: os pais esforçavam-se para que os filhos adquirissem a cultura e a língua do colonizador, pois só assim lhes seria permitida a ascensão na escala social.

Outra reacção de relevo foi assumida por dirigentes de algumas missões protestantes, que praticavam o ensino em línguas africanas. As missões protestantes não beneficiavam da ajuda estatal e continuaram a trabalhar, recorrendo às línguas locais no ensino. Em geral, procuravam promover a civilização dos africanos sem alterar as características destes. Esta resistência à lei vigente valeu, às missões protestantes, o encerramento de cerca de duzentas instituições de ensino.

Nas escolas angolanas, a par do emprego da LP como veículo e como matéria de ensino desde as primeiras classes, assistia-se, igualmente, à utilização dos programas e métodos de ensino que se usavam na “metrópole” e nos restantes territórios colonizados. O fundamento desta uniformização, segundo as autoridades coloniais, era a igualdade de direitos e de oportunidades(!).

Minimizada (ou deliberadamente esquecida) a circunstância de o português não ser a Lmt para a população indígena, as escolas deparavam-se com o cenário pungente de crianças que aprendiam a língua pela alfabetização directa em português, numa total interrupção dos seus hábitos e tradições linguísticas. Este facto teve, inevitavelmente, repercussões negativas a nível do ensino: ocorreram, com frequência, fenómenos de psitacismo e um baixo rendimento escolar em todas as matérias de ensino.

Em 1961, eclode a luta armada de libertação nacional e o regime colonial faz algumas concessões, sobretudo de carácter social e administrativo, de entre as quais se destaca a difusão da rede escolar, até então restrita às cidades: apesar do esforço dos missionários, o campo era servido por um número diminuto de escolas.

Críticas sucessivas aos métodos de ensino da língua em Angola começaram a surgir: contestava-se o facto de o ensino não ter em conta a mundividência do aluno, projectando-o para um mundo estranho, distante do seu. Em 1964, estipula-se a prática da oralidade na aprendizagem da LP, a partir de situações concretas «a aquisição do uso corrente da língua nacional [o português] e actividades preparatórias de receptividade para o ensino escolarizado.»<sup>3</sup> Desta medida, sobressai indiscutivelmente, uma mentalidade pedagógica saudável. Todavia, vários são os óbices que se opõem ao seu êxito, o primeiro dos quais se situa a nível do corpo docente. Na altura, os agentes de ensino angolanos possuíam uma formação muito heterogénea. Havia, fundamentalmente, três categorias de professores (referimo-nos somente ao ensino primário, o que se apresentava mais massificado): o professor **primário** (diplomado pelo Magistério Primário), o **professor de posto** (formado nas escolas de habilitação, durante quatro anos, com um programa do então ciclo preparatório acrescido de matérias pedagógicas) e o **monitor escolar** (com a quarta classe e com uma formação pedagógica adquirida em cursos

<sup>3</sup> Decreto-Lei n.º 45 908/Set/1964.



realizados durante as chamadas férias grandes). A estes agentes de ensino, juntavam-se os “eventuais” – professores que ingressavam na carreira sem nenhuma formação pedagógica e cujas habilitações mínimas eram o segundo ano liceal. Os professores mais habilitados encontravam-se colocados nas escolas dos centros urbanos; o monitor escolar era o professor das escolas rurais.

Outro obstáculo que frenava o êxito escolar e a difusão da LP era a distribuição da rede escolar. A maioria das instituições escolares localizava-se nos centros urbanos; o meio rural era servido por um número ínfimo de escolas que apenas abrangia o mínimo da população em idade escolar. Por outro lado, as exigências escolares (pagamento da ‘caixa escolar’, compra do material escolar, uso obrigatório de bata, etc.) raramente estavam ao alcance das possibilidades dos autóctones.

Evidenciados todos estes factos, é fácil compreender as razões por que a grande maioria da população angolana não era escolarizada (na altura da Independência, 85% dos angolanos eram analfabetos), e não falava português, já que esta língua era adquirida, fundamentalmente, por mediação escolar.

Este é o quadro linguístico que Angola possuía no momento da sua Independência, em 1975: as línguas africanas em Angola, apesar da sua resistência à glotofagia do colonizador, estavam reduzidas, quase exclusivamente, ao uso oral. Por outro lado, não obstante a longa permanência junto do colonizador, muitos angolanos não aprenderam o português, mas um falar intermédio que permitia apenas uma comunicação superficial. Foi, sobretudo, nos centros urbanos, que a LP se enraizou.

### 1.3 POLÍTICA LINGUÍSTICA PÓS-INDEPENDÊNCIA

A opção linguística do Governo angolano foi, desde a Independência, transformar a LP em instrumento de unidade nacional, impondo-a como obrigatória nos sectores mais

actuates: no sistema educativo (como veículo de transmissão e como matéria de ensino), na informação, no sistema judicial e jurídico, na administração pública em geral. Esta decisão correspondia às realidades do povo angolano: a multiplicidade de línguas nativas justificava a adopção de uma língua comum ou, pelo menos, uma língua de maior distribuição territorial em Angola, ao contrário das restantes línguas angolanas, cuja distribuição era mais localizada. Conclui-se, portanto, que o argumento para esta opção não se situava no âmbito linguístico, mas no político. Carlos Reis considera essa uma opção de carácter pragmático, ao concluir que «Na opção do português como língua de expressão oficial, pode observar-se (...) uma espécie de transladação do domínio das motivações ideológicas (...) para o domínio das opções pragmáticas, tendo em vista a complexidade sociocultural daqueles países [as ex-colónias portuguesas] e a necessidade de se assegurar a sua unidade política.»<sup>4</sup>

A adopção da LP para este papel não significava o menosprezo das línguas locais, pelo contrário, o seu valor como veículo da cultura, foi reconhecido. Desde a primeira hora, Agostinho Neto, primeiro presidente da República, referia que «o uso exclusivo da língua portuguesa como língua oficial, veicular e utilizável na nossa literatura, não resolve os nossos problemas. Tanto no ensino primário, como, provavelmente, no médio, será preciso utilizar as nossas línguas.»<sup>5</sup> Assiste-se, portanto, à revalorização das línguas africanas: elas passam a ser consideradas sistemas linguísticos de direito, dando-se início ao seu estudo para a fixação dos alfabetos, elaboração de dicionários e gramáticas, com vista à sua utilização. Pretendia-se, com estas medidas, “difundir a LP ao lado das línguas nativas, numa política que visava a implantação do bilinguismo funcional”, isto é, tornar cada angolano capaz de utilizar o português e a sua língua

4 REIS, Carlos, *O Discurso da Língua Portuguesa: Unidade, Poder e Expansão*, in Antologia, (vide nota n.º 1), pág. 25.

5 NETO, Agostinho, *Discursos da Tomada de Posse dos Primeiros Corpos Directivos da UEA*, Luanda, 1975.

materna em situações de comunicação fixadas para uma e outra.

Em 1985, o Instituto Nacional de Línguas transforma-se em Instituto de Línguas Nacionais, um órgão vocacionado para «o estudo científico das línguas nacionais, a sua normalização e o controlo dos dados linguísticos ao nível da sua difusão.»<sup>6</sup>

A utilização das línguas, uma premência já referida por Agostinho Neto<sup>7</sup>, volvidos mais de três decénios, ainda não se materializou. Muitas são as dificuldades que o Instituto de Línguas Nacionais enfrenta, a mais grave das quais é a escassez de quadros capacitados, situação que, aliada a outros problemas, como a insegurança nos locais de pesquisa, as dificuldades de transporte, insuficiência de recursos financeiros, etc., inviabilizam os objectivos deste órgão. E o balanço que se faça das acções de promoção das línguas nacionais, comparativamente às encetadas por países com contextos linguísticos análogos ao de Angola, situa-se aquém do desejado. Reportemo-nos, por exemplo, ao vizinho Congo Democrático, cujo plurilinguismo é muito mais acentuado do que o de Angola, pois agrupa mais de 250 línguas. Nesse país, quatro línguas congoleas têm, há já vários anos, o estatuto de línguas nacionais e são utilizadas nos *media*, na administração e no sistema educativo.

Mas, se poucos foram os avanços relativos ao uso das línguas nacionais, no tocante à LP, o quadro não é mais animador. O estatuto desta língua, em Angola, ao contrário do que poderia supor, não foi o suficiente para impulsionar a sua expansão, na medida em que, como língua oficial, o seu uso torna-se obrigatório para todo o cidadão. Porém, existem, ainda, muitos angolanos, sobretudo os que vivem no meio rural, que não sabem expressar-se nesta língua. Outros conhecem, apenas, os rudimentos deste idioma. Mas, mesmo aqueles que sabem falar a língua, e com um nível de escolaridade que, em princípio deveria garantir-lhes a competência linguística conformada à norma

padrão, revelam, no emprego da língua, desvios em relação ao padrão linguístico. Esta situação é decorrente de vários factores sociais que condicionam o uso da língua, neste caso o português em Angola, e contribuem para a cristalização dos desvios, mau grado a penalização da norma vigente. João Gomes da Silva, da Universidade Eduardo Mondlane, referindo-se ao caso concreto de Moçambique, opina que «existem neste momento quatro grandes factores sociolinguísticos (...) [que] contribuem não só para a fixação ou cristalização do 'erro', como para a sua própria redução: a classe social dominante, a escola, os órgãos de informação e uma nova geração urbana.»<sup>8</sup> A escola e a comunicação social têm, indubitavelmente, um papel relevante neste domínio. Uma visão sobre as nossas instituições escolares – principais agentes de aquisição e de uniformização da língua – daria uma resposta conclusiva. (Adiante, esta questão será retomada para uma análise mais circunstanciada). Quanto à classe dominante, nomeadamente dirigentes, políticos e intelectuais em geral o uso que fazem da língua costuma ser, igualmente, referência para o falante comum e, facilmente, se expande.

Uma característica que importa realçar é relativa ao facto de o nível académico ser um factor que, em geral, é relevante no uso que o falante angolano faz do português, sobrepondo-se às interferências regionais e às da língua materna. Porém, não raro, falantes angolanos com formação universitária, tendo embora um domínio vocabular amplo, apresentam lacunas no tocante às normas do funcionamento da língua e incorrem em transgressões consideradas graves. A frase de despedida “*Muito prazer de lhe ver*” proferida por um técnico superior, docente universitário, foi o primeiro flagrante que registámos, no âmbito da temática deste trabalho.

6 Artigo 3.º do Decreto n.º 40 de 18/Nov./1985 do Conselho de Defesa e Segurança.  
7 NETO, Agostinho, id., ibidem 5.

8 SILVA, João Gomes da, Interferência e Variedade Linguística, Algumas Considerações Sociolinguísticas sobre o Português Falado em Moçambique, in *Revista Internacional de Língua Portuguesa* n.º 5/6, pp 102,103.

Quando o nível académico do falante é baixo são, naturalmente, muito evidentes as contaminações da língua materna sobre a língua segunda.

A comunicação social, a par da escola, detém a sua quota-parte de influência na difusão e desenvolvimento da língua. Em Angola, ela utiliza a LP com quase exclusividade. A nível da imprensa escrita não conhecemos nenhuma publicação oficial que utilize outra língua para além do português. Já a Rádio (Nacional e emissoras regionais) dedica uma parte do seu tempo de antena à programação em línguas nacionais.

A Televisão Pública de Angola (TPA) faz, igualmente, uso das línguas nacionais: diariamente, transmite uma programação em línguas nacionais. Todos os demais programas são em português.

Como veículos utilizadores e difusores da LP, língua oficial do Estado angolano, estes órgãos devem reproduzir a norma padrão, para o que deverão possuir a devida competência linguística. É irrefutável a existência de jornalistas angolanos cuja competência linguística e profissional não se questiona. Todavia, a par destes bons profissionais, há os que patenteiam um domínio da língua deficiente em relação à norma padrão. Este facto torna os órgãos de informação importantes veículos de reprodução do erro. Programas (radiofónicos e televisivos) em que os locutores menos experientes e menos preparados tenham de falar de improviso (reportagens, entrevistas, etc.) são susceptíveis de veicularem erros linguísticos de natureza diversa que são captados por pessoas linguisticamente menos preparadas.

Outro agente de uniformização e fixação de língua é a LITERATURA. O emprego que nela se faça da língua, demarcado do sistema normalizado, vai contribuindo para a fixação e generalização das ocorrências de deriva ou variação da língua. Também aqui, leitores menos avisados poderão não saber distinguir o correcto do incorrecto, relativamente ao padrão linguístico.

A produção literária angolana, salvo raríssimas excepções, é produzida em português. Mas que tratamento os escritores dão a

este idioma nas suas obras? Muitos deles optaram por apresentá-lo pejado de características lexicais, morfológicas e sintácticas próprias do discurso popular angolano. Partindo do princípio de que muitos desses escritores dominam a norma institucionalizada como padrão em Angola, pode dizer-se que essa tendência é uma opção que, na opinião de Inocência Mata resulta de «uma tentativa de se diferenciar da expressão e da ideologia portuguesas. A língua, deste modo, vai ser o reflexo de uma cultura distinta.»<sup>9</sup> Sobressai, aqui, a atitude nacionalista de dar realce à nossa identidade na literatura angolana, pelo que os escritores angolanos, no dizer de Costa Andrade «deseuropeizaram a palavra europeia nas suas obras.»<sup>10</sup>

## 1.4 A LÍNGUA PORTUGUESA NO SISTEMA DE ENSINO ANGOLANO

As mesmas razões que levaram à adopção da LP como língua veicular e oficial estão na base da sua escolha para língua da escolaridade. Nas escolas angolanas, esta língua serve, desde a primeira classe, de veículo e de matéria de ensino.

Mas em que condições desta língua desempenha esse papel?

### 1.4.1 O PORTUGUÊS, LÍNGUA DE ESCOLARIDADE: EM QUE CONDIÇÕES LINGUÍSTICO-PEDAGÓGICAS?

A função atribuída ao idioma luso obrigaria, necessariamente, à sua ampla divulgação, cabendo à escola o papel primordial nessa acção. Todavia, na prática, esta divulgação confronta-se com vários obstáculos, o mais premente dos quais se situa no

<sup>9</sup> MATA, Inocência, *Pelos Trilhos da Literatura Africana em Língua Portuguesa*. Cadernos do Povo/ensaio, Pontevedra, Braga, 1992, pág. 35.

<sup>10</sup> ANDRADE, Costa, *Literatura Angolana (Opiniões)*, UEA, Estudos, Ed. 70, Lisboa, pp 34-35.

subdesenvolvimento do sistema educacional que não se encontra à altura de aplicar e ampliar o uso da norma do português.

São muito evidentes as deficiências do sistema escolar angolano. A questão linguística é apontada, e com razão, como um dos factores de maior impacto no insucesso escolar em todos os níveis de ensino. A língua oficial, que é também língua de ensino, co-ocorre com várias línguas africanas, nestas condições:

1. A LP não é língua materna da maior parte das crianças, sobretudo das que vivem no meio rural;
2. A maioria das crianças, especialmente as do campo, desconhece a LP quando entra na escola;
3. Os programas de LP, enquanto matéria de ensino, estão perspectivados para o ensino desta língua como língua materna;
4. As turmas estão, quase sempre, sobrelotadas;
5. Muitos dos professores que leccionam português, não têm formação linguística compatível à sua função, para além de desconhecerem os procedimentos metodológicos para o ensino da língua;
6. Nos primeiros anos de Independência, a cooperação estrangeira que leccionou em Angola, de nacionalidades muito variadas (eram cubanos, búlgaros, congolezes, zai-rensens, alemães, russos, vietnamitas, jugoslavos, etc.), não tinha domínio da língua de ensino. Os cubanos (a cooperação mais numerosa) raramente chegavam a falar português: usavam o espanhol como língua de escolaridade ou, pelo menos, aquilo que muitos chamavam *portunhol*. Nestas condições, as oportunidades de os alunos encontrarem modelos linguísticos eram muito escassas;
7. Na maior parte das escolas, assiste-se a uma gritante precariedade de condições e os docentes, muitas vezes, estão privados dos mais elementares auxiliares pedagógicos. O manual escolar na aula (quando existisse) era de escasso uso, optando-se pelo ditado de apontamentos.

Deste modo, os alunos pouco liam, o que restringia o contacto regular com a escrita e as formas ortograficamente correctas das palavras. Por outro lado, o estudo por apontamentos escritos apressadamente e com erros contribuía para o reforço desses erros.

Que resultados se poderiam esperar, face a estas condições de ensino? E que consequências, no domínio linguístico (relativamente ao português), ocorrem como produto de todos estes problemas?

A aprendizagem do português em Angola faz-se por via escolar, fundamentalmente no meio rural. Porém, mesmo nas cidades, a parte mais importante da oferta do português também se processa na escola, e só com a 4.<sup>a</sup> classe o aluno tem competência para construir um texto minimamente compreensível. Mas, sendo diminuto o número dos que têm acesso ao ensino posterior à 4.<sup>a</sup> classe até ao ensino médio e superior, compreende-se por que a oferta de um modelo linguístico uniforme é realmente pobre e não permite um retorno de correcção.

O ensino do português e em português inicia-se no primeiro ano de escolaridade. Para superar o problema das crianças que não falam português ao entrar na escola, foi criada, em Angola, a classe pré-primária, cujo objectivo era capacitar as crianças para a expressão em português, preparando-as para a aprendizagem desta e nesta língua. Mas o tempo de aprendizagem insuficiente e, sobretudo, a impreparação psicopedagógica e linguística dos docentes tornam esta classe ineficaz.

As oportunidades de comunicação em português das crianças rurais confinam-se ao período lectivo. Consequentemente, a exposição à língua e as ocasiões da sua prática activa são muito escassas.

A situação do emprego da língua portuguesa no meio rural é, de certo modo, semelhante à do ambiente citadino, embora numa outra perspectiva: o estudante, no tempo lectivo, aprende e pratica usos linguísticos padronizados; porém, a sua exposição aos usos linguísticos quotidianos é mais frequente e ele acaba por esquecer

a forma adquirida na escola e adoptar os usos mais comuns.

Relativamente à superlotação das turmas, alguns pedagogos afirmam ser possível uma escolaridade proveitosa nestas condições. Todavia, quando o número de alunos excede os trinta, as possibilidades de acções docentes mais incisivas sobre cada aluno, tão importantes no ensino de uma língua, onde os momentos de prática oral e escrita são fundamentais, ficam reduzidas.

Face a estas condicionantes, é compreensível que o aprendiz adopte formas linguísticas “desviadas”, já que os modelos que assimila e que acabam por se cristalizar partem de pessoas que, na sua maior parte, fazem um uso considerado incorrecto em função da norma padrão.

O aparecimento de erros é um fenómeno universal e intrínseco a qualquer processo de aprendizagem. Contudo, a tendência do ensino deve ser a de, gradualmente, eliminar esses erros, através de modelos correctos e da acção correctiva do meio. Ora, dadas as condições escolares e linguísticas de Angola, surge a interrogação: que oferta linguística se apresenta ao aprendiz?

Resta acrescentar um dado que se reflecte desfavoravelmente no processo escolar: o desprestígio da carreira docente. Hoje, não há incentivos que retenham os professores na docência. Isto tem contribuído para reduzir as suas fileiras: os mais capacitados vinculam-se a outros organismos onde as condições de trabalho e salariais são mais aliciantes.

Ponderadas todas as questões que caracterizam a LP enquanto veículo e matéria de ensino, indagamos agora sobre as perspectivas de melhoria da situação. A guerra generalizada afectou, inevitavelmente, o sector escolar. Há alguns indicadores de melhoria do ensino em geral e da LP em particular, nomeadamente a elaboração de novos programas e a criação de manuais para todos os níveis de ensino. No entanto, o factor mais importante para o sucesso de qualquer pedagogia deverá passar, em primeira instância, pela formação e aperfeiçoamento dos docentes. Defendemos o postulado de que não há sistema de ensino, por mais bem

estruturado que esteja, que resista a maus professores. Por conseguinte, a prioridade primária na reformulação do ensino deve centrar-se nos professores: com acções de formação e de capacitação e, concomitantemente, de criação de incentivos à carreira, para se evitarem evasões para outros sectores mais aliciantes.

## II SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE LUANDA

Luanda é uma província com 24.651 km<sup>2</sup> de área, cuja capital, com o mesmo nome, é a capital de Angola. A sua língua local é o kimbundu, porém, a situação linguística de Luanda, a exemplo do que ocorre em muitas outras capitais do Terceiro Mundo, caracteriza-se por uma grande diversidade de línguas, produto de constante afluxo populacional.



O português é a língua oficial de Angola e a sua multifuncionalidade provoca o bilinguismo individual, porque o falante angolano, enquanto no meio rural, consegue sobreviver apenas com a sua língua materna. Porém, ao ir para a cidade, para a sua sobrevivência no meio urbano, é imprescindível que aprenda a falar a língua oficial, o português, portanto.

### 2.1 A LÍNGUA PORTUGUESA EM LUANDA

A afluência da população rural para a cidade faz com que um número cada vez maior de angolanos, que antes só falava a sua língua nativa, se veja na contingência de aprender o português, pois o domínio desta língua passa a ser condição para o desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício da cidadania. «*Cet élargissement fonctionnel, conditionné par le bilinguisme et par une maîtrise insuffisante du portugais a*

*entraîné des conséquences linguistiques, engendré des particularités typiques dans la langue portugaise d'Angola.»<sup>11</sup>*

Uma reflexão sobre as características do português de Luanda conduz-nos à detecção várias divergências em relação à norma estabelecida. Estas divergências são catalogadas de “erros”, sendo os angolanos bons ou maus falantes do português, consoante respeitem ou transgridam a variante padronizada.

Já se referiram alguns aspectos relativos à LP. A estes dados soma-se um outro: o conhecimento que o falante angolano tem da sua Lmt (quando é uma língua nacional) é, quase sempre, implícito, isto é, ele não tem consciência nem consegue justificar a estrutura e uso da língua, ainda que seja capaz de se expressar com segurança e eficiência.

Estes factores vão condicionar o português que, nesta conformidade, passa a ter características próprias, muitas delas ocasionadas pelo fenómeno da interferência. Uma pesquisa circunstanciada poderá confirmá-lo ou não, categoricamente. Alguns aspectos dessa interferência são muito evidentes, como os que ocorrem a nível lexical. No léxico de qualquer língua, há sempre espaço para novos vocábulos que vêm designar novas realidades. No português de Luanda, centenas de palavras oriundas do kimbundu, fazem já parte do falar normal do luandense. Eis alguns exemplos:

- a) A nível da gastronomia: *gimboa, quisaca, funje, calulu, mufete, ginguba, muzongué, muamba, quitaba, quifufutila, bombó*, etc.;
- b) A nível da toponímia: *Kalandula, Kissama, Mutamba, Bengo, Ndalatando, Sambizanga, Ingombota, Mussulo, Icolo e Bengo*, etc.;
- c) A nível da antroponímia: *Luwalu, Kambwa, Bonga, Muhongo, Henda*, etc.;

d) A nível da fitonímia: *embondeiro, mateba*, etc.;

e) A nível da zoonímia: *palanca, gunga, quisonde*, etc.

Todos estes vocábulos se referem a realidades para as quais o português não possui equivalentes. Contudo, estão, igualmente, introduzidas neste idioma unidades lexicais oriundas do kimbundu e para as quais existem, no português, signos equivalentes: *camba* (amigo), *dioba* (fome), *muadiê* (fulano, indivíduo), *cacimbo* (nevoeiro), *cumbu* (dinheiro), *cota* (velho), *quinda* (cesto), *maka* (problema, confusão), *seculo* (mais-velho), etc.

Limitamos ao campo lexical os exemplos da interferência do kimbundu sobre o português. A nossa reserva em estendermos os exemplos a outros níveis onde ela ocorra – fonológico e gramatical – justifica-se pelo facto de, infortunadamente, ser muito escassa ou nula a investigação sobre os fenómenos da variância do português de Angola.

Importa referir ainda que a contaminação de dois sistemas linguísticos em contacto é recíproca. Assim, não é apenas o português que importa vocábulos do kimbundu. Esta língua, por sua vez, absorve vocábulos portugueses: *sabola* (cebola), *nzãbã* (sabão), *sábhàlù* (sábado), *lùmìngù* (domingo), *sèkunda* (segunda), *sèsá* (sexta), *osipitali* (hospital), *osikola* (escola), *pala* (para), etc.

A citação que segue ajusta-se perfeitamente à situação linguística de Luanda, cidade com uma população que se cifra à volta dos dois milhões de habitantes: «*Les recentes déplacements massifs des populations et l'urbanisation (...) créés par la situation actuelle de guerre, accentuent cette situation de plurilingue et laisse pressager (...) un accroissement du nombre d'emprunts reciproques.*»<sup>12</sup> Com efeito, regista-se, de dia para dia, o aumento da população da capital. Esta explosão demográfica da urbe luandense traz consigo consequências linguísticas. Efectivamente, Luanda congrega em si etnias oriundas de todos

<sup>11</sup> ENDRUSCHAT, Annette, *Création Lexical en Portugais Parlé dans la RPA*, Université de Haute Bretagne, *La Langue Portugaise en Afrique*, (Nouvelle série VI) XXI, *Travaux du Centre d'Études Hispano-Américaines, Portugaises, Brésiliennes e d'Afrique d'Expression Portugaise*, publié avec une subvention du Conseil Scientifique de l'Université, 1981, pág. 73.

<sup>12</sup> PEDRO, José Domingos, *Étude Grammaticale do Kimbundu (Angola)*, Thèse du Nouveau Régime pour l'obtention du doctorat en Linguistique, Université René Descartes, Sorbonne, 1993, pág. 14.

os cantos do país. E, naturalmente, vamos aqui encontrar usuários de diferentes códigos linguísticos para além do kimbundu: *umbundu, kikongo, kwanyama, ngangela*, etc.

Já nos referimos que, em geral, as populações urbanas sabem expressar-se em português, umas bem, outras nem tanto, tudo em função do nível de escolaridade. Mas qual a percentagem de falantes que só fala português, qual a percentagem dos que são bilingues?

Num trabalho realizado pelo sociólogo angolano Artur Pestana (Pepetela),<sup>13</sup> sobre a LP em Luanda e que incide sobre quatro municípios – Ingombota, Maianga, Kilamba-Kiaxi e Rangel – (correspondentes a mais de metade da população da província), o autor apresenta dados estatísticos que evidenciam a situação da LP e das línguas nacionais em termos do número de falantes de uma e de outras.

A maior incidência de falantes de línguas nacionais situa-se entre as faixas etárias mais elevadas. Para os dois níveis etários extremos (5-14 anos e 75 anos e mais) a percentagem média de falantes é de 26,5% e de 79,7%, respectivamente. E o autor conclui: «parece-nos que as crianças em Luanda deixam de aprender as línguas nacionais em proporção muito forte, constituindo-se assim o português como Lmt preponderante, em ritmo crescente, pois qualquer fenómeno social que mostre uma incidência maior nos grupos de menor idade da população terá tendência a crescer no futuro.»<sup>14</sup> O sociólogo ressalta aqui a possibilidade de uma tendência regressiva na aprendizagem e domínio das línguas nacionais.

O documento apresenta um quadro relativo à população que fala apenas a LP (que o autor previne ser uma aproximação). Com a devida vénia, aqui o transcrevemos na íntegra.

Quadro 1. Percentagem da população que só fala português

Municípios	Percentagem por Grupo Etário					Total
	05-14 anos	15-19 anos	20-24 anos	25-29 anos	75 +	
Ingombota	74%	42%	33%	31%	23%	48%
Maianga	67%	32%	19%	14%	–	36%
Kilamba-Kiaxi	67%	33%	15%	6%	–	33%
Rangel	81%	53%	36%	21%	–	48%
Média*	72%	40%	26%	18%		41%

\*A média é da nossa autoria.

Pepetela refere que «Estes [dados] são o resultado da difusão da Língua Portuguesa por um lado e do recuo das línguas nacionais por outro.»<sup>15</sup> Mais adiante, o autor manifesta, na sequência da conclusão anterior, uma preocupação, relativa à «perspectiva de um bilinguismo local que poderia ser encarado como uma solução de futuro. Isto coloca a questão da necessidade da preservação das línguas nacionais.»<sup>16</sup> O problema é tanto mais grave se tivermos em consideração outra realidade: o maciço êxodo rural a que se assiste de há alguns anos a esta parte, de populações que imigram para as capitais (fundamentalmente), em busca não só de maior segurança, como de melhores e mais dignas condições de vida. A incidência do monolinguismo funcional atribuído à LP nas comunicações formais relega o uso das línguas nacionais para situação familiar e retira aos falantes interesse em aprendê-las.

13 PEPETELA, *Alguns dados Estatísticos sobre a Língua Portuguesa em Luanda*, s. n. t. Ressaltamos o facto de que este trabalho nos chegou às mãos em fotocópia e, não estando publicado, nem possuindo data, deverá ser tomado com alguma reserva, embora tenhamos confirmado a sua autenticidade com o autor.

14 PEPETELA, id., *ibidem*.

15 Id., *ibidem*.

16 Id., *ibidem*.



## 2.2 KIMBUNDU, SUBSTRATO DO PORTUGUÊS EM LUANDA

O kimbundu pertence à grande família das línguas bantas e apresenta, tal como as demais línguas desta família, características próprias, a principal das quais é o sistema de concordância que se processa por classes, por meio do correspondente relativo de classe ou do pronome conjugativo. Nestas línguas, o relativo de classe repete-se em todas as palavras subordinadas ao substantivo.

Ex.: *Vantu valaha vali kunima. (ngangela)*

Os homens altos estão atrás.

*Dilonga dya Filomena diba. (kimbundu)*

O prato da Filomena caiu.

*Enzo ya mpa yi vwidi tungwa. (kikongo)*

A casa nova está pronta.

*O longombe vavelele vafa. (umbundu)*

Os bois morreram.

O kimbundu é a língua natural de Luanda, constituindo-se no substrato do português nesta cidade. (Ressalte-se, no entanto, a existência de inúmeras comunidades etno-linguísticas oriundas das diferentes províncias. Isto vai, naturalmente, repercutir-se linguisticamente no português, mas a nossa grande referência como substrato do português nesta capital restringir-se-á ao kimbundu.

## 2.3 CONTACTOS LINGUÍSTICOS E INTERFERÊNCIAS

O contacto entre línguas ocorre sempre numa situação em que uma sociedade ou um indivíduo utiliza, consoante as circunstâncias, dois ou mais registos linguísticos. Na ocorrência de bilinguismo, existe sempre uma língua que é a materna do indivíduo e uma outra que se impõe e cujo conhecimento é obrigatório. Se o domínio que se tiver das duas línguas for correcto, nenhuma delas é afectada ou, quando muito, as contaminações são muito menos frequentes. Os casos de bilinguismo perfeito dão-se quase exclusivamente a nível individual, raramente ocorrem em comunidades. O que sucede, normalmente, já que linguisticamente uma sociedade apresenta variedades diastráticas – e, no caso de Angola, é muito maior o número de falantes da variedade popular do que da padrão – é verificarem-se fenómenos de interferência linguística, nos aspectos vocabular (o mais facilmente detectável), fonológico e gramatical. Estes fenómenos podem ser mais ou menos extensos e profundos. Em condições extremas de interferência, as línguas em contacto chegam a perder a sua individualidade e, da combinação de uma(s) com a(s) outra(s), resulta uma nova língua, uma língua composta. Tal é o caso dos crioulos.

Porém, em muitas situações, o bilinguismo apenas provoca a contaminação de uns sobre os outros, nos sistemas que coexistem. A língua materna é o substrato cuja estrutura se encontra fortemente enraizada. No falante a língua segunda funciona como superstrato. Isto significa que o uso que o falante faça da língua segunda será em função da língua materna, projectando para aquela as características desta. Ele age comparativamente: preenche, por analogia, as lacunas com que se depara, como se ambas as línguas fossem detentoras da mesma estrutura.

O falante angolano que aprenda português tardiamente tem um uso prolongado da sua língua materna e sofre, inconscientemente, pressão do seu sistema linguístico, face à intrusão do

outro, agora privilegiado por razões de ordem política, económica e social. Os dois sistemas linguísticos misturam-se e as interferências são inevitáveis.

Na situação linguística luandense, foram apontadas evidências de interferência recíproca entre os dois sistemas linguísticos que coexistem nesta cidade. O domínio vocabular foi apontado como o mais profícuo e visível, mas, naturalmente, essa interpenetração é extensível a outros domínios linguísticos.

### III EMPREGOS PRONOMINAIS NA NORMA DO PORTUGUÊS PADRÃO

A função primária de qualquer sistema linguístico é a comunicação e a «uniformidade geral desse sistema é a melhor condição para a sua eficiência.»<sup>17</sup> Nesta óptica, todos os falantes se devem pautar por um padrão linguístico, cuja correcção requer obediência à norma – conjunto de regras que estabelecem o uso correcto da língua.

Qualquer língua apresenta sempre variedades diastráticas, diatópicas e diafásicas. Consoante o maior ou menor índice de analfabetismo, assim se distinguirão a **língua culta** (a das classes mais instruídas da sociedade), a **língua corrente** (falada pelos estratos sociais de escolaridade média) e a **língua popular** (próprias das camadas menos letradas). A reacção ao “erro” em cada um destes níveis de língua é distinta: nos níveis cuidado e corrente, manifesta-se a preocupação pelo cumprimento dos preceitos linguísticos padronizados; já ao popular interessa, fundamentalmente, a inteligibilidade da mensagem.

Geralmente, as normas socialmente mais prestigiadas definem o uso linguístico. As normas dos grupos socialmente mais limitados sobrepõem-se as normas de prestígio, precedentes tanto dos grandes centros urbanos, como dos segmentos socialmente privilegiados que constituem os estratos dominantes da sociedade. Portanto, a norma culturalmente dominante é a que é imposta ao aluno. É esta que ele deve adquirir ao longo do seu percurso escolar para dominar o uso linguístico que, na linguagem corrente, se qualifica de “correcto”.

17 CÂMARA, Jr., Joaquim Matoso, *Manual de Expressão Oral e Escrita*, Vozes, Petrópolis, 9ª ed. 1986, pág. 38.

A norma linguística a que Angola obedece é, como já foi referido, a do português europeu. Por enquanto, Angola não dispõe de descrições sistemáticas e coerentes que permitam a identificação da variedade do português angolano.

### 3.1 PRONOMES RECTOS E PRONOMES OBLÍQUOS

Consoante as funções que desempenham na frase, os pronomes pessoais classificam-se em:

- **Rectos**, aqueles que, na sentença, exercem a função de sujeito da oração;
- **Oblíquos**, os que têm função de complemento.

Quanto à acentuação há pronomes:

- **Tónicos**, os que têm acento próprio e são usados com preposição;
- **Átonos**, os que não têm acentos próprios, apoiando-se na acentuação de outra palavra. Estes pronomes nunca são precedidos de preposição.

O seguinte quadro ilustra cada uma das formas e respectivas funções dos Pp:

Quadro 2. Pronomes pessoais do português padrão

Pessoa	PRONOMES RECTOS	PRONOMES OBLÍQUOS	
		TÓNICOS	ÁTONOS
1 <sup>a</sup>	Eu	mim, comigo	me
2 <sup>a</sup>	Tu	Ti, contigo	te
3 <sup>a</sup>	Ele, ela, você	Ele, ela	O, a, lhe, se,
1 <sup>a</sup>	Nós	Nós, connosco	nós
2 <sup>a</sup>	Vós	Vós, convosco	vos
3 <sup>a</sup>	Eles, elas, vocês	Eles, elas	Os, as, lhes, se
	PRONOMES DE SUJEITO	PRONOMES DE COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL	PRONOMES DE COMPLEMENTO DIRECTO E INDIRECTO

#### 3.1.1 EMPREGO DOS PRONOMES RECTOS

- a) Os pronomes rectos empregam-se fundamentalmente como sujeito.

*Ex.: Eu sou natural da Gabela.*

*Nós convencemos a Joana a ir ao médico.*

*Vocês não conhecem o Lobito?*

Há autores que condenam o uso dos pronomes-sujeito, sobretudo da primeira e da segunda pessoas, por os considerarem pleonáticos: as desinências pessoais nos verbos, bastante diferenciadas, permitem a identificação da pessoal gramatical e, por isso, não geram ambiguidade. Já na terceira pessoa do singular e do plural a presença do pronome-sujeito evita o equívoco, visto que o verbo tem uma mesma forma para a terceira pessoa real (ele/s, ela/s) e para a segunda de cortesia (você/s).

Ex.: *Ele está satisfeito com o trabalho.*  
*Você está satisfeito com o trabalho.*

Em alguns tempos verbais, essa ambiguidade poderá dar-se, igualmente, entre a primeira e a terceira pessoas do singular: “eu/ele/você era”; “eu/ele/você faça”; “eu/ele/você tinha”, etc.

b) Os pronomes rectos são também empregados como predicativo do sujeito:

Ex.: *Eu não sou tu e tu não és eu*  
*Nós não somos eles.*

c) Ainda uma outra função destes pronomes é a de vocativo:

Ex.: *Ó tu, põe-te daqui para fora.*  
*Ó vocês, calem-se.*

Formalmente, alguns pronomes rectos adquirem valores especiais, diversos dos habituais. Assim:

d) “Nós”, em vez de “eu”, denota modéstia. É o chamado **plural de modéstia**: o facto de pluralizar a realização da acção atenua a ideia de vaidade que pode transparecer na afirmação de uma opinião pessoal.

Ex.: *Estamos convictos de que esta é a melhor solução.*  
*Esta ideia parece-nos interessante.*

e) “Vós”, na acepção especial, é um plural majestático.

Ex.: *Vós estais cansado, Excelência?*

f) A primeira pessoa é substituída pela terceira, por exemplo, num requerimento, por deferência à pessoa a quem o documento é dirigido. Esta opção é uma fórmula de cortesia.

Ex.: *João Chindele, aluno desta instituição, requer que V. Excelência se digne mandar passar uma declaração com notas discriminadas. Espera deferimento.*

### 3.1.2 PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos desempenham, na frase, a função de complemento e podem ser **tónicos** e **átomos**. Uns e outros apresentam-se em contextos frásicos nem sempre idênticos.

#### 3.1.2.1 EMPREGO DOS PRONOMES TÓNICOS

a) As formas oblíquas tónicas dos Pp aparecem acompanhadas de preposição e, nessa conformidade, desempenham várias funções:

Ex.: *Não quero mais saber de ti. Digo-o somente a ti.*

Ci Ci

*Não é a ela que eu amo. A casa foi pintada por ele.*

Ci Ap

*Eles estão satisfeitos comigo. Jantarei contigo amanhã*

Ci Ccc

b) Embora o oblíquo precedido da preposição “com” se contraia originando “comigo”, “contigo”, “connosco” e “convosco”, é, no entanto, regular a construção em que esta contracção não se dê:

Ex.: *Terá de se contentar **com nós próprios**.*

*Conto **com todos vós** (ou vocês).*

c) De referir que, depois das preposições “afora”, “fora”, “excepto”, “menos”, “salvo”, e “tirante”, a norma prescreve o emprego de eu e tu.

Ex.: *Todos, **menos eu**, sabiam a verdade.*

*Toda a gente, **excepto tu**, esteve presente.*



Porque são complementos directo e indirecto do verbo, estes pronomes devem posicionar-se, normalmente, depois dele, de acordo com a predominância de construção frásica do português, tal como nas demais línguas românicas. Por conseguinte, a disposição dos elementos oracionais será, preferentemente, SUJEITO + PREDICADO + COMPLEMENTO DIRECTO + COMPLEMENTO INDIRECTO (S + P + Cd + Ci), embora a inversão seja tolerada, desde que não gere ambiguidade. Assim:

Ex.: *Evita essa rua.*  
*Telefona à Diana.*

Quando existem ambos os complementos na frase, enquanto nomes, eles mantêm-se na posição e na ordem acima indicada (S + P + Cd + Ci):

*Eu levei o jornal ao pai.*  
*Os professores deram livros aos melhores alunos.*

Porém, ao serem transformados em pronomes, o Cd e o Ci trocam de posição:

Ex.: *Pede a informação às professoras.* → *Pede-lhes a informação.*

O pronome oblíquo Cd pode adquirir uma nova forma quando posposto ao verbo, influenciados pelos sons adjacentes, normalmente as terminações verbais. Nesta conformidade, vamos encontrar as seguintes formas de pronomes:

a) Se a forma verbal termina em vogal ou ditongo oral, emprega-se **o, a, os, as**:

Ex.: *Encontrei-o no mercado. // Encontrei-os no mercado.*  
*Leva-a ao cinema. // Leva-as ao cinema.*

b) Se o verbo termina em **-r, -s** ou **-z**, estas consoantes são suprimidas e os pronomes tomam a forma de **lo, la, los, las**<sup>19</sup>, como a seguir se ilustra:

Ex.: *Vou ver o filme logo.* → *Vou vê-lo logo.*

*Emprestámos a gramática à Elisa* → *Emprestámo-la à Elisa.*

*Ela faz os bolos muito bem.* → *Ela fá-los muito bem.*

c) Seguindo-se a uma terminação nasal do verbo, o pronome assume a modalidade **no, na, nos, nas**<sup>20</sup>.

Ex.: *Os Silva levaram a filha.* → *Os Silva levaram-na.*

*Estes alunos dão sempre muitos erros?* → *Estes alunos dão-nos sempre?*

Nas formas pronominais átonas, além dos pronomes complemento directo (o, a, os, as) e indirecto (lhe, lhes), incluem-se ainda os pronomes **me, te, se**<sup>21</sup>, **nos, vos**, que se empregam quer como um, quer como outro dos dois complementos citados, consoante a predicação do verbo.

Ex.: *Telefona-me à noite. // Eu vi o Luís, mas ele não me viu.*

Ci Cd

*Ofereceram-nos estes livros. // Também nos convidaram*

Ci Cd

*para a festa.*

19 Na verdade, **lo, la, los, las** são formas antigas do pronome átono. Colocado depois de formas verbais terminadas pelas consoantes acima referidas, o "l" inicial do pronome assimilou aquelas consoantes que posteriormente se apocoparam: *fazer-lo > fazel-lo > fazê-lo*.

20 As formas **no, na, nos, nas** resultam da assimilação incompleta exercida pelas formas verbais de terminação nasal: *Fazem-lo > fazem-no; dão-lo > dão-no*.

21 Este pronome pode ainda apresentar outros valores e empregos que nos abstermos de referir por não interessar directamente a este trabalho.

A posição normal do pronome pessoal na frase é a enclítica. Porém, situações há em que, na língua culta, se evita essa colocação lógica, normal.

Os casos de emprego destes pronomes que representam a norma geral europeia da língua portuguesa são os seguintes:

- a) Nas orações afirmativas, o pronome pospõe-se ao verbo, unindo-se-lhe com um hífen:

Ex.: *Encontrei-o na portaria do hotel.*

*Ele magoou-se no joelho.*

*Disseste-lhe a verdade?*

*Enganei-me no número.*

Quando o verbo está conjugado num tempo composto, a posição do pronome ocorre a seguir ao auxiliar:

Ex.: *Havia-me esquecido disso.*

*Temo-nos encontrado todos os dias.*

*Foi-te atribuída uma bolsa.*

- b) Se, no sujeito anteposto ao verbo, figurar “ambos” ou “mesmo” o pronome deve aparecer em posição proclítica.

Ex.: *Ambos nos sentamos à mesa.*

*Ele mesmo se entreteve a pintar.*

Em caso de inversão frásica, a opção é a enclise:

Ex.: *Sentamo-nos ambos na areia.*

- c) Quando, no sujeito, figurar uma das seguintes palavras **todo, tudo, muito, alguém, cada qual, qualquer, outro, tal, tanto, quanto**, o pronome precede o verbo.

Ex.: *Alguém nos trará os relatórios.*

*Cada qual se encarregou da sua parte.*

*Qualquer pessoa te dirá isso.*

*Todos se preocuparam contigo.*

Também aqui, a inversão frásica obriga à enclise ou à mesóclise do pronome.

Ex.: *Qualquer pessoa te dirá isso.* → *Dir-te-á isso qualquer pessoa.*

*Cada qual se encarregou da sua sorte.* → *Encarregou-se, cada qual, da sua sorte.*

- d) Nas orações iniciadas por advérbios (bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez, ect.), o pronome complemento antecede ao verbo.

Ex.: *Já nos lavámos.*

*Nunca vos falaram disso.*

*Bem o avisei.*

*Ainda te lembras de mim?*

- e) As orações negativas obrigam à próclise:

Ex.: *Não nos conhecemos.*

*Que ninguém lhe diga nada.*

*Nunca me telefones à noite.*

*Nada o satisfaz.*

- f) As orações introduzidas por pronomes e advérbios interrogativos exigem a anteposição do pronome ao verbo.

Ex.: *Quem vos disse isso? Por que a obrigaste a ficar?*

*Que te parece? Onde se escondeu ele?*

*Como te chamas? Por que te demoraste tanto?*

- g) Nas orações iniciadas por palavras exclamativas ou nas frases optativas, a colocação do pronome deve ser a proclítica.

Ex.: *Que Deus te abençoe! (Deus te abençoe!)*

*Oxalá me aceitem.*

h) As orações subordinadas exigem o uso proclítico.

Ex.: *Quando te fores embora, avisa-me.*  
*Precisamos que nos faças um favor.*  
*Ainda que me custe, direi a verdade.*  
*Se nos esquecermos...*

Porém, o pronome pode pospor-se ao verbo, quando a conjunção e o pronome se encontrarem muito afastados.

Ex.: *Porque os dois, sempre que se encontravam, batiam-se.*

i) O gerúndio, precedido de “em”, exige a próclise.

Ex.: *Em me trazendo a encomenda, aviso-te.*  
*Em lhe entregando o cartaz, ir-me-ei embora.*

j) Com infinitos soltos, mesmo que modificados pela negativa, é indiferente a próclise ou a ênclise, embora esta última seja a mais frequente.

Ex.: *Traz água para me lavar.* Ou *Traz água para lavar-me.*  
*Para não comê-lo, guardei-o na geleira.*  
 Ou *Para não o comer...*  
*Antes de cozinhá-lo... ou Antes de o cozinhar...*

Contudo, a ênclise é obrigatória se o infinito for precedido de “a” e o pronome tiver a forma de “o” ou “a”.

Ex.: *Continua a procurá-lo.*  
*Estás a ouvir-me?*  
*Fiquei a vê-lo comer.*

Para a construção do género “Estás a ouvir-me?”, o uso está a consagrar a colocação do pronome a seguir ao auxiliar: “Estás-me a ouvir?” Esta construção já é aceitável, na linguagem coloquial.

l) Se a oração, disposta em ordem inversa, inicia por complemento directo ou predicativo, tende-se para a próclise pronominal.

Ex.: Satisfatório *lhe* pareceu o cumprimento do plano.

m) Nas locuções verbais, quando o verbo está no infinito, pode dar-se:

• A ênclise à forma infinitiva.

Ex.: A campainha veio interromper-me o estudo.

• A próclise ao verbo auxiliar, quando ocorrerem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo.

Ex.: *Não se lhe pode dizer nada.*

*Ninguém lhe está a perguntar nada.*

*Em que te posso ser útil?*

*Jamais me conseguirei habituar.*

Também aqui a norma admite outra colocação do pronome: enclítica ao segundo verbo, mas nunca entre os dois:

Ex.: *Não pode dizer-se-lhe nada.*

*Ninguém está a perguntar-lhe nada.*

*Em que posso ser-te útil?*

*Jamais conseguirei habituar-me.*

n) Com o verbo principal no participípio, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá enclítico ou proclítico ao auxiliar, em conformidade com os preceitos para as orações com verbos na forma simples.

Ex.: *Tenho-o visto todos os dias.*

*Ninguém se havia esquecido de nada.*

*Havíamos-nos encontrado na Baixa.*

*Ambos se têm portado bem.*



- o) Na oração iniciada com a copulativa 'e', a posição do pronome depende da natureza da oração à qual é coordenada: se a coordenação for a uma principal, comporta-se tal qual esta; se a coordenação se fizer a uma subordinada, atém-se às normas para esta classe de orações.

Ex.: *Foste-te embora e esqueceste-te da Joana.*  
*Disseram-me que te foste embora e [que] te esqueceste da Joana.*

- p) Nas orações coordenadas pelas adversativas porém, todavia, contudo, mas, o pronome pospõe-se normalmente ao verbo.

Ex.: *Vi-o, mas deixei-o onde estava.*  
*Nunca o vi, contudo, telefonei-lhe duas vezes.*

- q) As restantes conjunções coordenativas obrigam o pronome à precedência verbal.

Ex.: *Ora me apoias, ora me criticas.*  
*Quer me apoies, quer me critiques...*

- r) O infinito (pessoal ou impessoal) e o gerúndio normalmente levam posposto o pronome pessoal átono complemento, a não ser que estejam precedidos de um advérbio de negação ou preposição que não o 'a'.

Ex.: *Como é possível enganares-te?*  
*É possível não te enganares?*  
*Colocando-o aqui, fica melhor.*  
*Não o fazendo agora, depois será tarde.*

- s) Quando o verbo é seguido de mais de um infinito, o pronome normalmente coloca-se depois do último.

Ex.: *Tenho de começar a fazê-lo já.*  
*Espero poder telefonar-te ainda hoje.*

Estas são as regras de emprego dos pronomes átonos. Refira-se ainda que, na frase, ocorrem, por vezes, ao mesmo tempo, os complementos directo e indirecto. A língua admite a transmutação de ambos, simultaneamente, pelos respectivos pronomes que se combinam e contraem, originando novas formas.

Ex.: *Passa-me o jornal.* → *Passa-mo.* (me+o > mo)

*Entrega esta carta à Lília.* → *Entrega-lha.* (lhe+a > lha)

*Só te dou as chaves logo.* → *Só tas dou logo.* (te+as > tas)

Estas contracções estão praticamente banidas da linguagem coloquial, encontrando-se, somente, num uso mais erudito e literário, mas, mesmo nestes, com uma frequência baixa.

Para além da norma do português de Portugal, um outro país lusófono apresenta uma norma própria: o Brasil. Aqui, o uso dos pronomes átonos difere do uso estabelecido pela norma portuguesa e, à primeira vista, a pronominalização do português de Angola assemelha-se à deste país sul-americano. No Brasil, os pronomes átonos «não só precedem muitas vezes o verbo em casos em que tal não acontece em Portugal, ou se pospõem a ele noutros em que neste país é obrigatória a posição proclítica, como chegam a aparecer em início de frase, numa posição em que, devido à atonicidade se tornariam quase impronunciáveis para o falante luso. (...) A diferença que existe neste ponto entre a língua de um e de outro lado do Atlântico (...) explica-se pela diferença de entoação e pelo carácter ligeiramente tónico dos pronomes brasileiros, cujas vogais não são relaxadas nem ensurdecidas como as portuguesas, que tendem para a próclise.»<sup>22</sup>

22 CUESTA, Pilar Velazquez (id., ibidem 12), pág. 497.

Para Celso Cunha e Lindley Cintra, o uso brasileiro «encontra em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.»<sup>23</sup> Com efeito, no português arcaico, as formas não acentuadas do pronome pessoal desenvolveram-se ora como proclíticas, ora como enclíticas do verbo. Edwin B. Williams refere que «a ênclise geral que se encontra no português de hoje em dia (...) é o resultado do acento dinâmico mais forte e é um desenvolvimento puramente moderno. Em verdade, (...) o facto de o pronome nem sempre (...) ser enclítico ao verbo é uma herança da linguagem mais antiga.»<sup>24</sup> A. Meyer-Lubke<sup>25</sup> argumenta que essas formas foram sempre enclíticas. «Num enunciado do tipo “João sentou-se”, a língua clássica empregava igualmente “João se sentou”»<sup>26</sup>.

A época de transição entre o português clássico e o que se pode chamar o português moderno e contemporâneo situa-se entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. A partir desta época, fixa-se a colocação do pronome átono de maneira rígida.

Se esta continuidade do velho português parece perfeitamente aceitável no português do Brasil, o mesmo não se poderá dizer em relação ao português de Angola. Então, que factores condicionarão as realizações pronominais átonas em Angola? Quais as tendências de colocação dos pronomes átonos neste país e que causas subjazem a esse uso?

23 CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. Sá da Costa, Lisboa, 8.ª ed., 1991, pág. 317.

24 WILLIAMS, Edwim B., *Do Latim ao Português – Biblioteca Tempo Universitário*, 5.ª ed., Rio de Janeiro, 1991, pág. 153.

25 Citado por Williams, Edwim B. (id., *ibidem*).

26 TEYSSIER, Paul, *História da Língua Portuguesa*, Nova Universidade, Sá da Costa, 4.ª ed., Lisboa, 1990, pág. 73.

## IV EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS EM LÍNGUA KIMBUNDU

Na análise que faremos, sobre os empregos pronominais no kimbundu, referir-nos-emos, apenas, àqueles pronomes que têm o equivalente em português e cujo emprego seja susceptível de se transformar em interferência no português.

### a) Pronomes pessoais sujeito do kimbundu

Quadro 3. Pronomes pessoais sujeito do kimbundu

	Pessoas	Pronomes absolutos	Prefixos subjectivos
singular	1. <sup>a</sup>	eme	ngi
	2. <sup>a</sup>	eye	u
	3. <sup>a</sup>	mwenu	u, a
plural	1. <sup>a</sup>	etu	tu
	2. <sup>a</sup>	enu	nu (mu)
	3. <sup>a</sup>	ene	a

Os pronomes absolutos acompanham-se dos prefixos subjectivos:

Ex.: *Eme ngojokala mu dya, se ngakexile xitu.*

Eu comia se tivesse carne.

*Eye utonesa mon'ami.*

Tu acordas o meu filho.

*Mwenu wolobita ni abinge kima.*

Ele está a passar para pedir uma coisa.

*Etu twenyodya masa.*

Nós costumamos comer milho.

*Enu nwenyodya xitu.*

Vocês costumam comer carne.

*Ene axalele ku bata dya.*

Eles ficaram em casa.

Os prefixos subjectivos equivalem, em português, às designações pessoais e, tal como estas, podem dispensar os pronomes absolutos.

Ex.: *Eme nga-a-sota.* Eu procuro-os.

*Nga-a-sota.* Procuro-os.

#### b) Pronomes infixos objectivos

Os infixos objectivos servem de complemento directo e indirecto: são sempre colocados depois das partículas formativas, mas imediatamente antes do radical verbal.

#### Quadro 4. Infixos objectivos do kimbundu

	Participantes		De classe
	1. <sup>a</sup> pessoa	2. <sup>a</sup> pessoa	
singular	-ngi-	-ku-	3. <sup>a</sup> pessoa
plural	-tu-	-mi-	1. <sup>a</sup> classe
			-mu-
			-a-
			-mui-
			-ni-
			-di-
			-ma-
			-ki-
			-i-
			-i-
			-ji-
			10. <sup>a</sup> classe

Ex.: *Eye u-**ngi**-zola.* Tu amas-me.

*Mwenu u-**ngi**-zola.* Ele ama-me.

*Mukaji ami wa-**ngi**-xingile.* A minha mulher insultou-me.

*Diyála wámubhútú myézú.* O homem cortou-lhe a barba.

*Kabhúlú wámùbhitilè.* A lebre ultrapassou-o.

*Mwenu ka ku-zolé.* Ele não te ama.

*Ngi-a-sota* ou *Nga-sota.* Procuro-os.

Observe-se que os pronomes complementos directos (o, a, os, as) e indirectos (lhe, lhes) do português têm como equivalente em kimbundu uma mesma e única forma: -mu- para o singular e -a- para o plural.

Ex.: *Kàbhúlú wámùbhitilè.* A lebre ultrapassou-o.

*Mwene Kenyoku mu-betê.* Ele não costuma bater-lhe.

#### c) Infixo reflexivo e recíproco

O infixo reflexivo de recíproco -di é invariável e serve para todas as pessoas do singular e do plural. Coloca-se imediatamente antes do radical verbal.

Ex.: *eme ngi-**di**-sukula.* Eu lavo-me.

*Eye u-**di**-sukula.* Tu lavas-te.

*Mwene wa-**di**-kwama.* Ele magoou-se.

*Etu tu-di-zola.* Nós amamo-nos.  
 ↑ verbo ↑  
*Enu nu-di-zola.* Vós amai-vos.  
 ↑ verbo ↑  
*Ene a-di-zola.* Eles amam-se.  
 ↑ verbo ↑

Ao contrário do português, no kimbundu, nenhum contexto de ocorrência dos infixos objectivos reflexivos e recíprocos altera a sua posição pré-verbal. Quer dizer, independentemente das diferentes construções frásicas (tipo e formas de frase, tipo de orações, inclusão de determinados advérbios e pronomes, etc.) o posicionamento destes pronomes é sempre imediatamente antes do verbo principal e posterior ao morfema formativo.

Exemplos:

a) Frases afirmativas:

Ex.: *Émé ngamitélá sabhú.* Eu contei-vos uma fábula.  
 ↑ verbo ↑

*Umwàmbátà Kù bhátá dyà mànyà.* Leva-o à casa da mãe.  
 ↑ verbo ↑

b) Frases negativas:

Ex.: *Eye ku-ngi-zolami.* Tu não me amas.  
 ↑ verbo ↑

*Ene ka mwambela Kima.* Eles não lhe disseram nada.  
 ↑ verbo ↑

c) Oração subordinada:

Ex.: *Kixima kiki eme ngakikándè.* Este poço fui eu que o cavei.  
 ↑ verbo ↑

*Kioso kyusakana ungitangela.* Quando te casares, avisa-me.  
 ↑ verbo ↑

d) Frases com locução verbal:

Ex.: *Eye wakexile mu ku ngi-zola.* Tu estavas a amar-me.  
 ↑ verbo ↑

*Mwenu wolo-ngi-katula o dilesu* Estás a tirar-me o lenço.  
 ↑ verbo ↑

*Mwene kenyoku-mu-betê.* Ele não costuma bater-lhes.  
 ↑ verbo ↑

Na locução verbal, a antecipação do infixo ao verbo principal é permanente, independentemente de alternâncias frásicas que possam ocorrer, como a negativa, por exemplo.

e) Frases interrogativas:

Ex.: *Mwkuanì waka-kú-dimìna o dibya?*

↑ verbo ↑  
 Quem te há-de cultivar o campo?

*Eye wa-ngi-tangela yabe?* Por que me dizes isso?  
 ↑ verbo ↑

*Eye wadi kwama.* Magoaste-te?  
 ↑ verbo ↑

f) Frases com pronomes ou advérbios que, em português, obrigam à próclise verbal.

Ex.: *Etu twatakajanene* Já nos encontramos.

↑ verbo ↑

*A -ngi-sombola.* Alguém me insultou.  
 ↑ verbo ↑

# V

## EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS DE LUANDA

Foi já referida a complexidade do emprego dos pronomes pessoais átonos. A citação de Pilar Vazquez Cuesta (vide pág. 42) a este respeito é bem elucidativa.

Passemos à análise do uso que utentes de Luanda fazem desta classe de palavras, relativamente à selecção do pronome e à sua colocação na frase que, como vimos, eles possuem uma certa mobilidade estabelecida por regras.

### 5.1 EMPREGO DOS PRONOMES NO DISCURSO ORAL

#### 5.1.1 POR POPULAÇÃO ESCOLARIZADA

A competência linguística dos falantes é, em geral, proporcional ao seu grau de instrução. Em Luanda, os que falam “bem” possuem, em regra, uma escolaridade média, ou acima da média.

Relativamente ao uso dos pronomes no discurso oral, detectaram-se derivas, mesmo em indivíduos com formação universitária. A nossa recolha, no domínio do discurso oral, foi feita a partir de situações informais. Muitos dos exemplos contêm erros de outra natureza, mas optamos por reproduzi-los textualmente. Para as frases mais ambíguas, por distorção sintáctica na óptica do português padrão, são apresentadas as formas correspondentes ao seu real sentido.

## a) Seleção do pronome Cd (o, a, os, as) ou (lhe, lhes)

1. *O que levou-lhe à morte.* (universitária, 35 anos);
2. *A família dela disse que lhe ia matar.* (técnico médio, 21 anos);
3. *Hoje lhe vi outra vez.* (20 anos, curso médio);
4. *Muito prazer de lhe ver.* (professor universitário, +/- 45 anos);
5. *Então lhe deixaram sair.* (técnico superior, professor);
6. *O Chima não consigo lhe encontrar.* (52 anos, antigo 2.º ano liceal);
7. *Eu lhe incito para ir comigo.* (universitária, 22 anos);
8. *Prometi-lhe lhe levar.* (21 anos, 11.ª classe);
9. *Qualquer dia nenhum hotel lhes aceita.* (23 anos, universitária);
10. *O meu pai não lhe via há muito tempo.* (22 anos, estudante universitária);
11. *Escrevi-a [= a ela] há duas semanas.* (finalista do ISCED, +/- 40 anos);
12. *Passei na casa dela, mas não lhe vi.* (cabeleireira, +/- 30 anos);
13. *Da outra vez, não chegou de lhe levar.* (funcionário público, +/- 30 anos);
14. *Está aí a Marlene. Apanhei-lhe aí no Kinaxixi.* (professora do IMN, 47 anos);
15. *Também mandaram-lhe embora.* (funcionário bancário, 52 anos);
16. *Eu convido ela para ir connosco.* (universitária, 21 anos);
17. *Tive que lhes sensibilizar.* (estudante do IMN, 18 anos);
18. *O Tribunal expulsou-lhes.* (estudante do IMN, 25 anos);
19. *Lhes queixei no Secretário.* (técnica superior, 44 anos);
20. *A minha mãe diz que não lhe vão buscar e lhe vão levar todos os dias.* (universitária, 34 anos);
21. *O nosso guarda não lhes viu.* (funcionaria, 22 anos, técnica média);
22. *Eu, pelo menos, vi-lhe aqui.* (professor, bacharel);
23. *Abro a televisão para lhes divertir.* (17 anos, 8.ª classe);
24. *Disse que iam lhe mandar para o Bié.* (empresário, 53 anos);
25. *Vim buscar o certificado para lhe matricular no IMEL.* (professora licenciada, 47 anos).

Manifestam-se nestas frases derivas na seleção do pronome Cd, que é substituído pelo pronome Ci «lhe». Na linguagem coloquial oral, são frequentes estes usos em pessoas de todos os níveis de escolaridade. Eberard Gartner<sup>27</sup> considera que a substituição do Pp com início vocálico – o, a, os, as – pelos pronomes «lhe, lhes» de início consonântico, se deve à função demarcativa da consoante inicial que se estenderia a todas as pessoas por analogia com os Pp *me, te, se, nos, vos*. Também estes têm consoantes e desempenham as duas funções. Gartner acrescenta que esta situação, nas condições do bilinguismo, é uma simplificação do sistema gramatical fácil de compreender.

## b) Colocação do pronome na frase

No português padrão, a colocação do pronome na frase não é arbitrária: existem normas que determinam a sua posição enclítica, mesoclítica ou proclítica.

Pessoas de todos os níveis de escolaridade utilizam frases que representam derivas neste aspecto. Na alínea anterior, algumas frases (n.º 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 15, 19 e 24) apresentam já desvios desta natureza. Outros exemplos são os que se seguem:

1. *Se tivessem-me dito...* (funcionário, antigo 5.º ano liceal, 53 anos);
2. *É o embaixador meu amigo que veio me dizer.* (dirigente político, 60 anos);
3. *Uma moça que atirou-se do quinto andar.* (estudante do ISCED, 40 anos);
4. *Quando ele casou-se comigo...* (funcionaria, 8.ª classe);
5. *Quando procura-se reunir os professores.* (estudante do IMN, 25 anos);
6. *As propostas são as que encontram-se...* (professor do IMN);

27 GARTNER, Eberhard, Remarques sur la Syntaxe du Portugais en Angola et au Mozambique, in Université de Haute Bretagne, *La Langue Portugaise en Afrique*, (Nouvele série VI) XXI, Travaux du Centre d'Études Hispano-Américaines, Portugaises, Bresiliennes et d'Afrique d'Expression Portugaise, publié avec une subvention du Conseil Scientifique de l'Université, 1981, pág. 43.

7. *Sabes porque é que estou-te a ligar?* (universitária, 22 anos);
8. *Dar exemplo aos angolanos que pode-se fazer sacrifícios.* (entidade governamental);
9. *O que surpreendeu-nos é que esta questão...* (professor universitário);
10. *Me esqueci.* (músico angolano);
11. *Me arranja só um lugar na nona.* (professora licenciada);
12. *Te vi ontem no Roque.* (professora licenciada);
13. *Depois me dá para ler os programas.* (professor licenciado);
14. *Eu me lembro que no dia 11 de Novembro (...) eu e a minha família nos dirigimos ao Largo 1.º de Maio...* (dirigente eclesiástico, +/- 60 anos);
15. *...e te mandaram ir no contentor.* (funcionário público);
16. *Professora, se diz «cobarde» ou «covarde»?* (finalista do IMN);
17. *Você me respondeu...* (16 anos, 10.ª classe);
18. *Os nossos alunos, eles não têm hábitos de leitura de literatura científica. Se baseiam mais na leitura de novelas...* (professora licenciada);
19. *Me avisaste quando?* (contínuo, 4.ª classe, +/- 55 anos).

Não há, nestes exemplos, obediência às normas de colocação dos pronomes na frase, descurando-se os critérios que obrigam a próclise ou à ênclise verbal.

### c) Pronominalização em frases negativas

Nas frases negativas recolhidas e a seguir apresentadas, o princípio da anteposição do pronome do verbo é invertido.

1. *Não estão me acreditar porquê?* (20 anos, 11.ª classe);
2. *Vocês nem disseram-me nada.* (53 anos, funcionário);
3. *Ontem não viste-me?* (16 anos, 11.ª classe);
4. *Ninguém lembrou-se.* (professora do IMN, finalista do ISCED);
5. *Isso não vai nos permitir dar mais de uma aula.* (professor licenciado).

### d) Na pronominalização em contextos fráasicos que obrigam à anteposição do pronome átono ao verbo:

Nestes contextos, foram igualmente registados desvios:

1. *Toda a gente convenceu-se...* (responsável político, 43 anos);
2. *Talvez ele possa nos levar.* (universitária, 23 anos);
3. *O meu pai é que ensinou-me a cantar.* (cantora, 15 anos, 9.ª classe);
4. *Alguém ofereceu-se para trazer papel.* (professora, bacharel, 47 anos);
5. *Vocês já esqueceram-se da reunião?* (professor licenciado);
6. *Por isso é que deixaste-nos?* (funcionária +/- 26 anos).

### e) Concordância pronominal com as formas de tratamento

As formas pronominais de tratamento são, na linguagem coloquial luandense, o «tu» e o «você». Estas formas convivem, por vezes, no tratamento à mesma pessoa, como atestam os seguintes exemplos:

1. *Você respondeu, mas não acertaste.* (17 anos, estudante, 10.ª classe);
2. *Se vires a Palmira, diga-lhe que preciso falar com ela.* (professora, bacharel, +/- 47 anos);
3. *Quando vieram lhe avisar, tu não acreditaste porquê?* (=Quando te vieram avisar...) (15 anos, 8.ª classe);
4. *A tua vizinha diz que você saiu tarde...* (8.ª classe, 17 anos);
5. *Você não se arrepende pelo que fizeste?* (8.ª classe, 18 anos);
6. *Queres que eu te dou mais dinheiro, se você ainda não me pagaste?!* (11.ª classe, +/- 18 anos).

### f) O emprego do pronome «mim»

O pronome tónico “mim” aparece com função de sujeito, no uso luandense. Os exemplos que a seguir se apresentam foram proferidos por pessoas com graus de instrução diferentes:

1. *Para mim respeitá-los e para mim amá-los é preciso...* (jovem, 14 anos, 6.ª cl.);

2. ... *para mim vos entregar os programas...* (professor de português do II Nível);
3. ... *para mim fazer uma fotocópia...* (professor, estudante do 2.º ano da Univ.);
4. ... *porque, para mim lhe telefonar...* (estudante universitário);
5. ... *para mim tirar positiva...* (estudante do IMN, 9.ª cl.);
6. *O meu disse para mim continuar a estudar...* (estudante do IMN, 10.ª cl.);
7. ... *para mim não sujar o papel...* (funcionário, 8.ª classe, +/-28 anos).

Em todas as situações, este pronome só foi empregue como sujeito, quando precedido da preposição «para», numa manifesta confusão com o “para mim” com função expressa de finalidade. Esta confusão apenas ocorre com o “mim”. Não detectámos nenhum caso em que, na mesma relação paradigmática, se confundisse o uso de “para ti” com o “para tu”. Em caso da frase “Esta canja é **para tu** comeres”, nenhum falante utilizaria “para ti”.

### 5.1.2 EMPREGOS PRONOMINAIS PELA COMUNICAÇÃO SOCIAL (RÁDIO E TELEVISÃO)

O *corpus* deste item é constituído por improvisações linguísticas de locutores da comunicação audio-visual, rádio e televisão.

#### a) Na selecção do pronome Cd (o, a, os, as) ou Ci (lhe, lhes) registaram-se os desvios:

1. *Os postos [de electricidade] são um bem público, por isso, a colaboração da população beneficiar-lhe-ia...* Locutor da TPA, Ecos e Factos, 01-02-1996;

2. *Espero que a sua vinda a Luanda lhe ajudará a...* Locutora da TPA, Ecos e Factos, 02-02-1996;
3. *O fogo apoderou-se de tudo que lhe cercava.* TPA, telejornal, locutor, 17-03-1995;
4. *Esta nossa mania LAC de lhe manter informado.* Locutor, Notícias, 19h00, 21-02-1996;
5. *Queremos desejá-lo um bom dia.* Rádio 5, 06-04-1996, 10h.
6. *Vou pedir eles para virem até aqui.* Locutora, TPA, Carrossel, 07-04-1996;
7. *De tudo o que o senhor viu, o que mais lhe impressionou?*

Evidencia-se, nestes usos, uma insegurança na selecção dos pronomes da parte de locutores destes órgãos de comunicação social.

De entre os exemplos citados, um há em que se emprega a forma tónica do pronome (eles) com a função de Cd. Este uso tem-se estado a detectar sobretudo nas camadas juvenis. Note-se que o exemplo apresentado é igualmente de uma jovem: a apresentadora do programa infantil «Carrossel».

A respeito do uso de «ele» como Cd, ressalte-se um facto: a TPA vem difundindo, há alguns anos, telenovelas brasileiras. A influência linguística destas telenovelas é bem evidente, sobretudo a nível da antroponímia e da toponímia. Não é, portanto, de excluir a sua influência noutros domínios da língua, considerando não somente o impacto da televisão e as grandes audiências que estes programas detêm, mas, igualmente, a baixa escolaridade da maior parte da população, o que a torna incapaz de discernir os usos padronizados dos desvios. Vejam-se alguns exemplos de empregos de pronomes, em frases retiradas da telenovela brasileira «Pantanal»:

1. *Traz ela para viver junto com você, mano.*
2. *Deixa ele pai.*
3. ... *porque eu amo você, Filó.*
4. *Eu lhe quero muito bem.*
5. *Vai ter que convencer ela de vez.*



### b) Colocação do pronome na frase

Os casos de mais frequentes desvios da norma na colocação dos pronomes complementos ocorrem nos contextos de subordinação frásica ou na situação de existência de determinados pronomes ou advérbios junto ao sujeito que atraem o pronome para a posição pré-verbal.

1. *Fomos até à Ortopedia onde encontra-se o maior número de feridos...* TPA, locutor, Ecos e Factos, reportagem, 01-02-1996;
2. *Os taxistas também utilizam-nas.* TPA, locutor, Ecos e Factos, 01-02-1996;
3. *... onde encontrava-se em tratamento...* RNA, Noticiário, 13h, 26-01-1996;
4. *... quer saber como é que está-se a desenvolver o comércio...* RNA, 20H, 23-01-1996;
5. *Todos recusaram-se a falar aos nossos microfones...* TPA, Ecos e Factos, 22-01-1996;
6. *Os trabalhadores também queixam-se...* RNA, Noticiário 20h, 31-07-1996;
7. *As pessoas começaram a visitar a estátua quando esta encontrava-se...* TPActualidade, 04-07-1996, 8h30;
8. *... que brevemente estender-se-á a outras províncias...* TPA, Telejornal, 07-02-1996, 8h30;
9. *... onde a degradação estendeu-se a todos os níveis...* TPA, Ecos e Factos, 07-02-1996;
10. *... e porque até encontrava-se no bom caminho...* RNA, Noticiário, 20-03-1996, 17h;
11. *Quando preparava-se para saltar...* TPA, Desporto, 25-03-1996;
12. *... a terceira reunião conjunta que iniciou-se na manhã de ontem...* LAC, Notícias, 8h30, 29-03-1996;
13. *Por causa disso, 23 países já declararam-se a favor...* TPA, Telejornal, 07-04-1996, 20h30;
14. *... que o seu funeral realiza-se... ... que o seu funeral realizar-se-á...* RNA, Agenda Pública, 12h10, 05-04-1996.

### c) Emprego do pronome em frases afirmativas

Foram detectados casos de próclise pronominal em frases afirmativas pronunciadas por apresentadores de órgãos de comunicação social. As frases seguintes patenteiam esse uso:

1. *O Carnaval se transformou na festa mais popular da nossa cultura.* TPA, 'slogan' alusivo ao Carnaval/96;
2. *Vocês nos davam a entender...* TPA, Notícias, 12h30, 31-01-1996;
3. *O Congo se prepara para as eleições...* TPA, Telejornal, 20h30, 25-03-1996;
4. *O sinal foi dado e o silêncio se instalou.* TPA, 23h25, 11-06-1996, Jornal da Noite.

### d) Formas de tratamento

O problema da variabilidade das formas de tratamento foi igualmente detectado na comunicação social. Nos programas dirigidos a um público mais jovem ou em entrevistas a populares, a linguagem dos locutores, muito descontraída, incorre em desvios nos empregos pronominais. Atente-se nos seguintes exemplos:

1. *Já foste atendida? (...) Como é que consegue comprar medicamentos?;*
2. *O último polícia que o senhor pagou, cobrou-te quanto?* TPActualidade, 21h20, 04-02-1996;
3. *Você já namora. Os teus pais sabem disso?* RNA, 16h, 19-02-1996;
4. *E você, como te chamas?* RNA, Rádio Movimento, 17h30, 21-06-1996.

Alguns anúncios, difundidos com certa frequência, são detentores de transgressões desta natureza. Na TPA, o seguinte anúncio, que sensibiliza a população para o cuidado com minas e bombas, é um exemplo flagrante da instabilidade no uso dos pronomes de tratamento aqui omitidos, mas evidenciados pelas formas verbais correspondentes:

Um objecto ou um pacote estranho pode ser uma mina ou uma bomba. Cuidado! Não toque nem apanhe objectos estranhos. Isto é o que acontece se tocares numa destas coisas. Logo que vires estes objectos estranhos, informe as autoridades mais próximas.

### 5.1.3 PRONOMINALIZAÇÃO NA FALA DE POPULARES EM GERAL

#### a) Selecção do pronome Cd (o, a, os, as) e Ci (lhe, lhes)

Nas falas de pessoas de baixa ou nula escolaridade, a selecção do pronome complemento incide, quase sempre, sobre a forma «lhe/s»; ocasionalmente, o pronome escolhido é «ele/a/s». Em nenhuma ocasião se detectou o emprego da forma «o/a/s». Eis os exemplos:

1. *Mandei uma moça lhe chamar.* Doméstica, +/- 30 anos;
2. *Tinham-lhe matado a mãe.* Menino de rua, 10 anos;
3. *Você está lhe deixar mesmo assim?* Adulto, +/- 40 anos;
4. *O meu pai lhe massacraram.* Menino de rua, 16 anos;
5. *Levaram as moças (...) e queriam massacrar elas...* Jovem, +/- 20 anos;
6. *Não, não lhe vi.* Adulto, +/- 50 anos;
7. *Sim. Não lhe conheço.* Adulto, +/- 55 anos;
8. *Vou embora lhes comer.* Adulto, +/- 45 anos;
9. *Lhes levaram no António.* (= O António levou-as) +/- 14 anos;
10. *Os limão (sic) já lhes vendemo (sic) tudo.* Quitandeira, +/- 30 anos;
11. *Eu só me apetece de lhe xingar.* Quitandeira, +/- 35 anos;
12. *O dinheiro lhe roubaram com ele.* Menino de rua, +/- 10 anos;
13. *Desde que cheguei aqui, nunca lhe vi.* Adulto, +/- 30 anos;
14. *Aqui, ninguém que lhe conhece.* Contínuo, +/- 25 anos.

Poderia, aqui, ser apresentada uma listagem interminável de exemplos, mas o que se pretende destacar nestas falas populares é que a pronominalização do nome complemento directo ou indirecto recai, poderíamos dizer quase que invariavelmente, sobre *lhe/lhes* ou *ele/ela/s*. Estes usos indiciam não somente um desconhecimento da norma padrão, o que é compreensível, dada a precariedade do nível instrucional, mas também a interferência da língua materna. Recorde-se que o kimbundu, substrato linguístico da população luandense, apresenta um processo de pronominalização muito simples, caracterizado pelo emprego de pronome Cd e Ci (referindo-se a pessoas) de uma única e mesma forma variável em número, que aparece sempre a preceder o verbo.

#### b) Posição do pronome na frase

As frases 1, 3, 4, 8, 9, 11 e 12 do item anterior patenteiam desvios de colocação do pronome em frases da fala de populares, tal como as que se seguem:

1. *Ele me deu um tiro da (sic) perna.* Menina de rua, +/- 13 anos;
2. *Estás a me reconhecer?* Doméstica, 40 anos;
3. *Isto não pode se saber de um dia para o outro.* Pescador, +/- 50 anos;
4. *Isto está se tornar mais pior.* Camponês, +/- 45 anos;
5. *A pessoa que me precisa vem me procurar.* Quitandeira, +/- 70 anos;
6. *Lhe partiram a cabeça?* Pescador, +/- 50 anos;
7. *Eu te conheço bem, Elsa, não mente.* Vendedora de rua;
8. *Então lhe deixaram ir embora.* Quitandeira.

A tendência de colocação do pronome é proclítica, mas detectam-se colocações enclíticas em casos em que a norma estabelece o inverso. É o caso, por exemplo, das frases negativas em que, por vezes, o pronome surge posposto ao verbo: a frase 3, por exemplo, ilustra este uso.

### c) Emprego do pronome «mim»

Nas camadas populares, o emprego da forma tónica «mim» aparece, com frequência, como sujeito nas orações infinitivas introduzidas por «para»:

1. ... *p'ra mim sustentar os meus vícios*. Lavador de carros, 22 anos;
2. *Ando a lutar para mim se registar, mas cumbu não tem*. Jovem, 22 anos;
3. ... *para arranjar casa p'ra mim construir*. 26 anos;
4. *A senhora falou para mim entrar*. Quitandeira, +/- 35 anos.

### d) Pronomes de tratamento

Os populares usam indiscriminadamente os pronomes formal e informal no tratamento, chegando a inverter as formas verbais correspondentes a uma e a outra pessoas:

1. *Você vais ver que é que vai te acontecer*. Miúdo de rua, 15 anos;
2. *Você vais me dever uma milha*. Lavador de carros, 16 anos;
3. *Você, nós vamos te agarrar...* Jovem de rua, 16 anos;
4. *Você fica aqui todo dia e não consegues*. Adulta, +/- 30 anos;
5. *Como é? Você hoje não dormiste ou quê?* Guarda, +/- 30 anos.

### e) Usos dos pronomes reflexos e recíprocos

Na LP, os pronomes reflexos e recíprocos são diferenciados por pessoas gramaticais do singular e do plural, com excepção do da terceira pessoa. Relativamente ao uso que os populares luandenses fazem destes pronomes, destaca-se um emprego peculiar, caracterizado pela tendência de neutralização do pronome de terceira pessoa que se torna, portanto, extensivo a todas as outras pessoas gramaticais:

1. *Ando a lutar para mim se registar...* Jovem, 22 anos;
2. *Esta ferida se aleijei ontem*. Miúdo de rua, 16 anos;
3. *Eu não se mexi*. Quitandeira, +/- 35 anos;
4. *Por isso estou se remediando aqui*. Popular, +/- 45 anos;

5. *É o único sítio que nós se sentimos seguros...* Popular, +/- 50 anos;
6. ... *porque nós não se entendemos aqui*. Quitandeira, +/- 23 anos;
7. *Estamos se remediar mesmo assim*. Camponês, +/- 48 anos.

Quanto mais baixo o nível de instrução do falante, mais evidente é esta tendência. Este uso pode ser justificado pela contaminação do substrato linguístico: o emprego de uma única e mesma forma de pronome reflexo e recíproco é característica da língua kimbundu. Como vimos atrás, o kimbundo, para as formas pronominais reflexas e recíprocas, recorre ao infixos invariável – di – , cuja colocação na frase também é invariável: antes do radical verbal.

## 5.2 EMPREGO DOS PRONOMES NO DISCURSO ESCRITO

A ponderação, no discurso escrito, contrasta com a espontaneidade da fala: ali, prevalece a preocupação do fazer bem, pois a mensagem é registada e sobrevive, ao contrário do acto oral. Quando o falante possui da língua um conhecimento implícito ou pouco além disso, o seu nível de escrita é muito próximo do da fala.

São conhecidas as condicionantes que afectam o nosso sistema de ensino. A partir daí, depreende-se que a competência linguística possa ser, muitas vezes, precária. Convenhamos, no entanto, que, além do ensino, outros factores do meio social contribuem para o aperfeiçoamento dessa competência.

### 5.2.1 EM PRODUÇÕES ESCRITAS

A pesquisa do emprego dos Pp no âmbito escrito foi realizada em três níveis de escolaridade: no Ensino Médio e Técnico, na 8.<sup>a</sup> e na 5.<sup>a</sup> classes.

### 5.2.2 EMPREGOS PRONOMINAIS POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO (EM)

No EM, aplicaram-se exercícios escritos de pronominalização a estudantes deste nível de ensino e, na globalidade, detectaram-se os seguintes resultados nos usos do Pp complemento:

Quadro 5. Selecção do Pp complemento por alunos do EM

SELECÇÃO DO PRONOME PESSOAL COMPLEMENTO											
Sem distinção da Lmt				Lmt: Português				Lmt: Kimbundu			
Usos correctos	%	Usos não correctos	%	Usos correctos	%	Usos não correctos	%	Usos correctos	%	Usos não correctos	%
1897	87	273	13	1160	88	153	12	461	87	67	13

Quadro 6. Colocação do Pp complemento na frase por alunos do EM

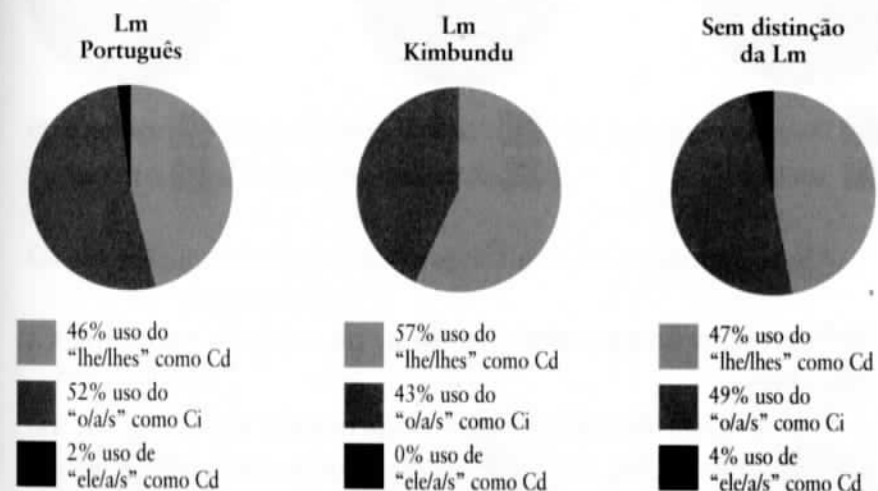
SELECÇÃO DO PRONOME PESSOAL COMPLEMENTO											
Sem distinção da Lmt				Lmt: Português				Lmt: Kimbundu			
Usos correctos	%	Usos não correctos	%	Usos correctos	%	Usos não correctos	%	Usos correctos	%	Usos não correctos	%
1536	71	634	29	1001	76	312	24	353	67	175	33

Em média, 87% dos alunos do EM são capazes de seleccionar correctamente o Pp complemento de 3.<sup>a</sup> pessoa e 71% conseguem colocá-lo de forma adequada na frase.

Relativamente à selecção do Pp não há uma diferença relevante entre os usos de utentes de Lmt português e os de kimbundu. Já na colocação do pronome na frase, evidencia-se uma maior dificuldade nos de Lmt kimbundu.

No âmbito da selecção dos pronomes, as derivas verificam-se em usos indiscriminados dos pronomes CD (o, a, os, as) e Ci (lhe, lhes). Com baixa frequência, destaca-se um uso que a língua padrão não prevê: o pronome «ele/a/s», com função de Cd. Vejam-se esses usos nos seguintes gráficos:

Gráfico 1. Empregos incorrectos dos pronomes complemento por alunos de EM



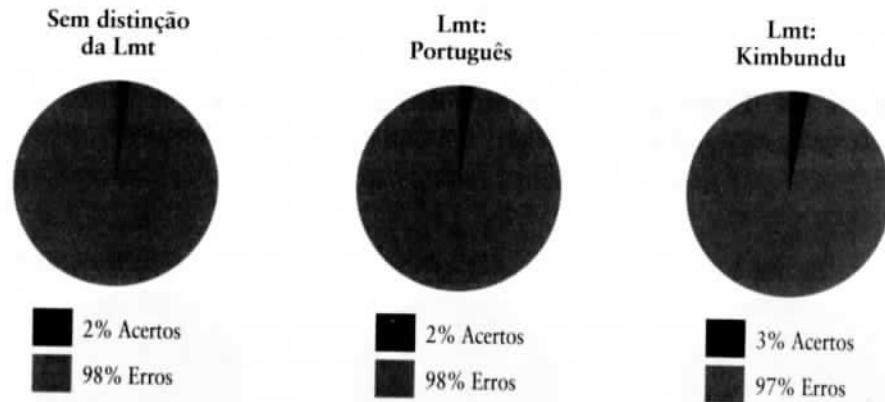
Segundo a sondagem, a maior deriva situa-se na selecção do pronome Ci (lhe/s) que é substituído pelo pronome Cd (o/a/s); o tónico «ele/a/s» é usado, por vezes, como Cd, por utentes de Lmt português.

É interessante verificar a substituição de uns por outros, dos pronomes complementos.

a) Substituição do pronome Cd (o, a, os, as) pelo Ci (lhe, lhes)

A frequência de substituição do pronome Cd (o, a, os, as) pelo Ci (lhe, lhes) é mais baixa quando o complemento é um objecto, isto é, um elemento não animado.

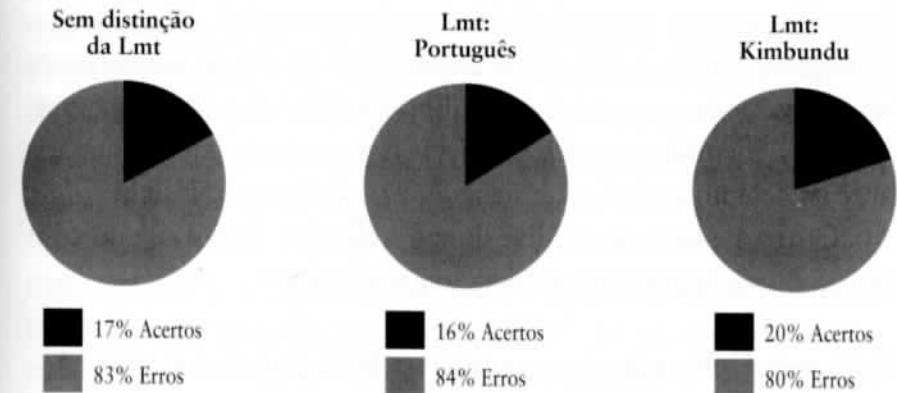
Gráfico 2. Percentagens de substituição do pronome Cd (o/a/s) pelo pronome Ci (lhe/s) (referente objecto)



b) Substituição do pronome Cd (o, a, os, as) pelo pronome Ci (lhe, lhes)

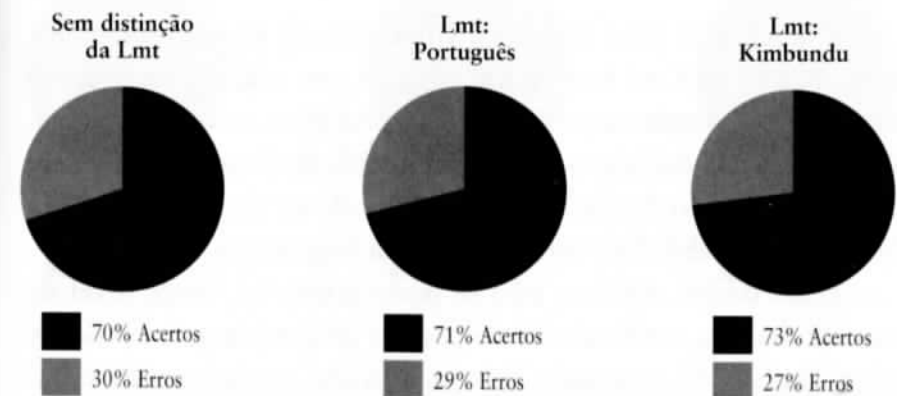
A frequência de substituição do pronome Cd (o, a, os, as) pelo pronome Ci (lhe, lhes) é mais elevada quando o referente é um elemento animado.

Gráfico 3. Percentagem de substituição do pronome Cd pelo Ci (referente humano)



c) O emprego do pronome Cd (o, a, os, as) em lugar do pronome Ci (lhe, lhes) é de elevada frequência:

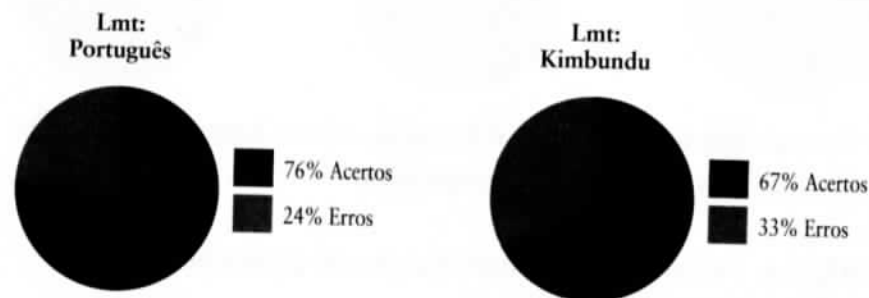
Gráfico 4. Percentagem de substituição do pronome Ci pelo pronome Cd



Nesta análise, não se pode afirmar que a tendência do uso do pronome complemento seja para um ou para outro; o que se evidencia é a insegurança na selecção que pode ser justificada por uma fraca competência gramatical. Um acto incontestável é a quase irrelevância da língua materna nos utentes com o nível de escolaridade média: assiste-se a um relativo equilíbrio no emprego dos pronomes, não se verificando grandes desníveis nas percentagens de acertos entre os detentores de Lmt português e os de Lmt kimbundu.

Outro aspecto na análise do emprego dos Pp é a sua colocação na frase. A pesquisa evidenciou o seguinte:

Gráfico 5. Colocação do pronome na frase por alunos do EM



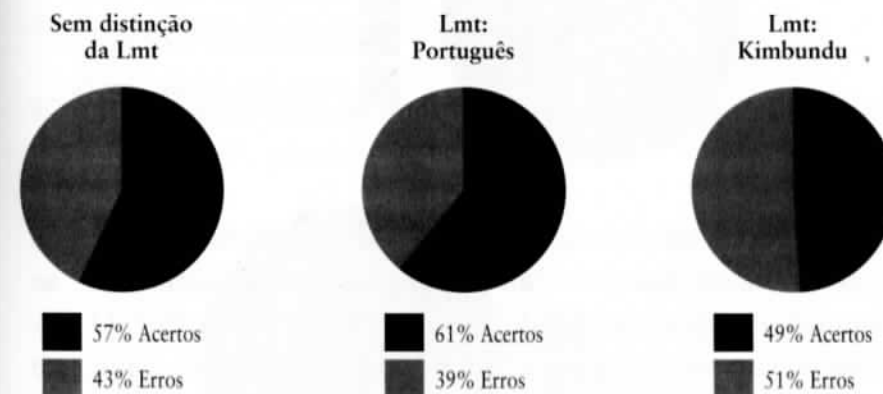
A tendência para o erro de colocação do pronome é maior nos utentes de Lmt kimbundu, língua que utiliza, invariavelmente, o Pp complemento em posição proclítica ao radical verbal. A interferência da Lmt poderá aqui justificar, em parte, este uso; o outro factor do desvio na colocação pode ser atribuído à oferta linguística e debilidade na competência linguística.

Pelos dados obtidos, não se pode inferir se, neste nível de escolaridade, a tendência de colocação do pronome é a próclise ou a ênclise. O pronome é colocado em posição pré-verbal quando a norma estabelece a ênclise (Ex.: “*Os viram na palestra.*”) ou é posposto ao verbo, em oposição à regra que prescreve a próclise (Ex.: “*Eu não quero-a gelada.*”; “*Peço-te que contes-lhes...*”; “*Quando dirás-lhe...*”).

Os casos mais frequentes de desvios na colocação dos pronomes na frase são relativos às frases subordinadas ou aos contextos frásicos em que um advérbio ou um pronome junto ao sujeito obrigam à anteposição do pronome ao verbo. Em frases do tipo: “*Quando lhe dirás...*”, “*Oxalá o encontres...*”, “*Alguém lhe mostrou...*”, “*Tu também o viste?...*”, “*Nós já os provámos.*”, foi onde se detectou a maior parte das incorrecções. Em alguns casos, a frequência do erro ultrapassa a do acerto.

Se, à primeira vista, e na base das análises parcelares do emprego do Pp se pode afirmar que as percentagens de acertos são relativamente grandes, no cômputo geral, isto é, considerando-se todos os aspectos da pronominalização em conjunto (selecção, colocação e forma do pronome), os resultados não são tão optimistas. Atente-se no seguinte gráfico que espelha os resultados globais.

Gráfico 6. Resultados globais da pronominalização por alunos do EM



Neste quadro já se evidencia um certo distanciamento entre os empregos feitos pelos detentores de Lmt português e os de Lmt kimbundu, com vantagem de acertos para os primeiros.

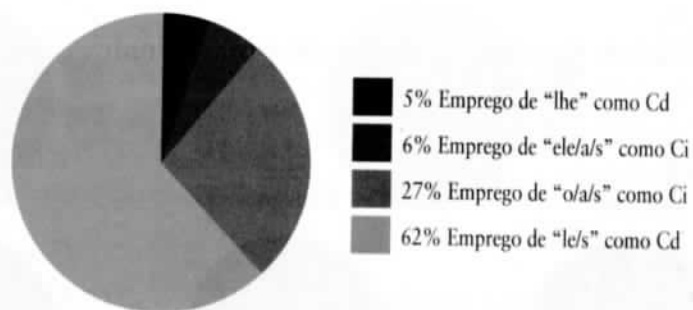
### 5.2.3 EMPREGOS PRONOMINAIS POR ESTUDANTES DA 8.<sup>a</sup> CLASSE

Em produções escritas de 200 alunos com a 8.<sup>a</sup> classe, foi efectuado o levantamento de 680 frases pronominalizadas. As evidências do emprego dos Pp são as seguintes:

#### Seleção do pronome complemento de 3.<sup>a</sup> pessoa

Em 356 frases foram utilizados Pp complemento de 3.<sup>a</sup> pessoa (lhe/s, e o/a/s), tendo-se registado 182 (51%) acertos e 174 (49%) incorrecções. É curioso observar as formas empregadas nestas pronominalizações. As 174 frases incorrectamente pronominalizadas contêm as seguintes formas de pronome:

Gráfico 7. Formas de Pp de 3.<sup>a</sup> pessoa usadas por alunos da 8.<sup>a</sup> classe

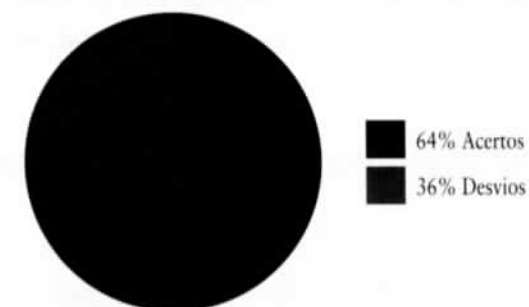


Em várias oportunidades, aquando do registo de empregos do pronome no discurso oral, pareceu-nos que a forma "lhe" se pronunciava "despalatalizada", assumindo a forma "le". O discurso escrito veio confirmá-lo. O que é interessante é que este uso ocorra em utentes com oito anos de escolaridade.

#### a) Colocação do pronome na frase

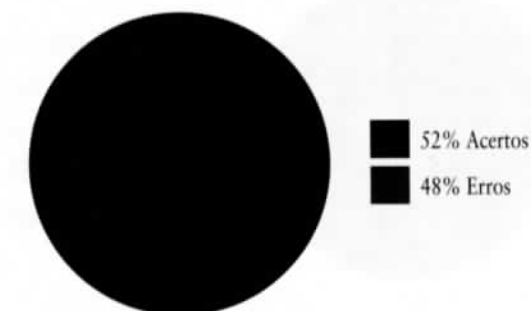
Nas 680 frases pronominalizadas por estudantes da 8.<sup>a</sup> classe, registaram-se 64% acertos e 36% usos incorrectos, como atesta o seguinte gráfico:

Gráfico 8. Colocação do Pp na frase por alunos com a 8.<sup>a</sup> classe



Na globalidade da pronominalização por alunos com a 8.<sup>a</sup> classe, os acertos situam-se pouco acima dos 50%, como aparece ilustrado no seguinte gráfico:

Gráfico 9. Resultados globais de pronominalização por alunos da 8.<sup>a</sup> classe



Das frases produzidas por alunos com a 8.<sup>a</sup> classe, apenas 52% delas estavam correctamente pronominalizadas.

### b) Formas de tratamento

Neste nível de escolaridade, a alternância das formas de tratamento relativas à mesma pessoa é um pouco mais acentuada do que no EM. Chega-se a empregar um tratamento muito formal (o senhor) com o verbo na 2.<sup>a</sup> pessoas do singular:

Ex.: *Bom dia, senhor. Como te chamas?* 8.<sup>a</sup> classe, 19 anos.  
*Sabes qual o risco (sic) que o senhor corre?* 8.<sup>a</sup> classe, 20 anos.

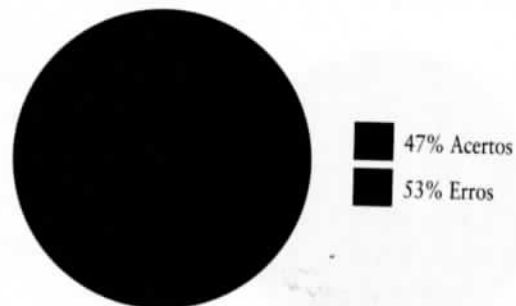
### 5.2.4 EMPREGOS PRONOMINAIS POR ALUNOS DA 5.<sup>a</sup> CLASSE

Na 5.<sup>a</sup> classe, 314 alunos produziram textos nos quais se detectaram empregos dos Pp com as seguintes características:

#### a) Selecção do Pp complemento de 3.<sup>a</sup> pessoa

Nas 481 frases onde os Pp complemento foram utilizados, destacam-se os seguintes resultados:

Gráfico 10. Selecção do Pp complemento por alunos da 5.<sup>a</sup> classe

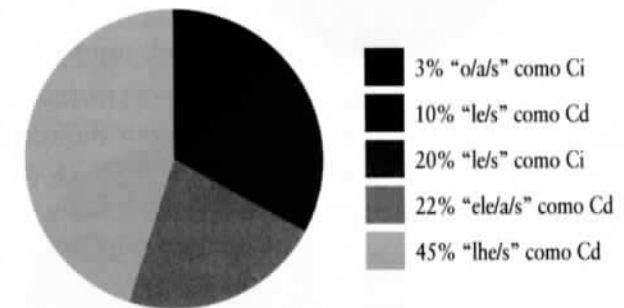


Correspondendo a 47%, em 226 frases, foram utilizados os Pp adequados. Porém, em mais de metade das frases, isto é, em 255 (53%) o Pp foi indevidamente seleccionado, apresentando

empregos do tipo: “*perdooo-lhes...*”, “*... mas lhe atropelaram...*”, “*... não ligo ela...*”, “*... eu também deixo eles brincar...*”, “*... cumprimentamos ele...*”, etc.

O seguinte quadro documenta as formas incorrectas do emprego do pronome:

Gráfico 11. Formas incorrectas de Pp de 3.<sup>a</sup> pessoa, usadas por alunos da 5.<sup>a</sup> classe



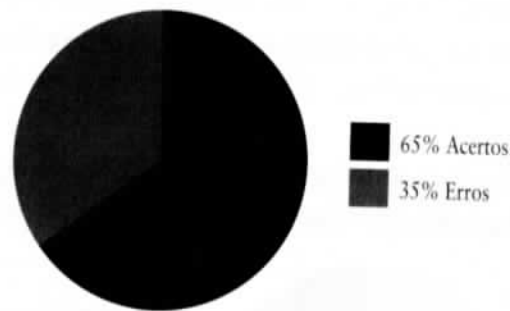
Neste nível de ensino, é maior a tendência de emprego de “*lhe/s*” como Cd. São, igualmente, mais elevadas as percentagens de utilização de formas não previstas no uso padrão (“*ele/a/s*” e “*le/s*”), com a função de pronomes de complemento directo ou indirecto.

#### b) Colocação do Pp na frase

Nas 1677 frases escritas por alunos da 5.<sup>a</sup> classe, 1086 (65%) apresentam o pronome acertadamente posicionado, enquanto 591 (35%) se desviam das colocações previstas pela norma padrão:



Gráfico 12. Colocação do pronome complemento na frase por alunos da 5.<sup>a</sup> classe



É curioso verificar que a percentagem de acertos na colocação dos Pp na frase por alunos da 5.<sup>a</sup> classe é ligeiramente superior à dos alunos da 8.<sup>a</sup> classe.

### c) Pronomes reflexos e recíprocos

Nos 477 pronomes reflexos e recíprocos usados, a selecção recaiu, em 315 frases (66%), sobre pronomes correspondentes às respectivas pessoas gramaticais: “*Preparo-me*”, “*Levanto-nos*”, “*Não nos insultamos*”, etc. . Contudo, em 162 frases (34%), o pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa (singular e plural) aparece neutralizado na forma “se” registando-se frases como “... *devemos levantar-se*”, “... *nós se portamos bem*”, “... *vou se lavar*”, “... *eu se deito cedo*”, “*Assim se tornamos amigas*”, “... *para mim se sentar*”, etc.

Esporadicamente verificam-se reduplicações de pronomes reflexos de 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas: “*Eu me levanto-se...*”, “... *se esfrego-me bem...*”, “... *se porto-me bem*”, “*Eu mj (sic) limpo-se...*”, etc.

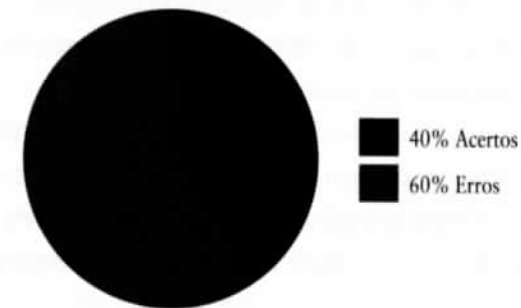
A neutralização dos pronomes reflexos e recíprocos na forma de 3.<sup>a</sup> pessoa (“se”) pode ser atribuída à interferência da língua kimbundu que utiliza para todas as pessoas uma única e mesma forma: o infixo “-di-”. Embora a grande maioria destes alunos não falem esta língua, no entanto, o problema residirá na oferta linguística que, em muitos casos, é detentora destes desvios.

Relativamente à reduplicação com formas correspondentes a pessoas diferentes, consideramos isso uma fase de transição do então neutro “se” para a fixação do uso pronominal padronizado.

### d) Emprego do pronome “mim”

Precedido de “para” na introdução de orações infinitivas o pronome “eu” foi, na maior parte das frases, substituído por “mim”.

Gráfico 13. Emprego do pronome sujeito de 1.<sup>a</sup> pessoa singular quando precedido de “para”

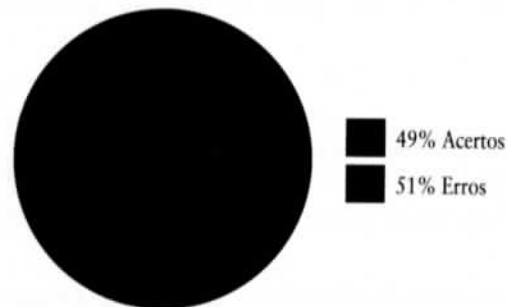


Das 298 frases do tipo “*para eu me sentar*”, “*para eu escrever*”, etc., em 178 frases (60%) foi utilizado o oblíquo “mim”. Assim registaram-se frases como “*para mim ler*”, “*para mi (sic) brincar*”, “*para mim sentar-me*”, “*dizem-me para mim estudar*”, “*para me (sic) não atravessar a rua*”, etc. Apenas 120 (40%) das frases apresentam o pronome recto “eu”, como prescreve a norma.

Detectaram-se, ainda, empregos de “mim” não preposicionado: “*que mim dão*”, “*ele mim disse*”, “*não mim pede*”.

Relativamente aos acertos globais de emprego dos pronomes por alunos da 5.<sup>a</sup> classe, os resultados estão espelhados no seguinte gráfico:

**Gráfico 14. Resultados globais de pronominalização por alunos da 5.<sup>a</sup> classe**



Das 1975 frases pronominalizadas, apenas 977 (49%) estavam correctas, enquanto 998 (51%) apresentam desvios relativamente ao uso padronizado.

Concluídas as análises dos empregos dos Pp nos três níveis de ensino seleccionados, podemos agora estabelecer os índices comparativos de empregos globais e tirar conclusões sobre a incidência do nível de escolaridade nos empregos pronominais.

**Quadro 7. Comparativo da selecção do Pp por alunos da 5.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> classes e do EM**

Nível	Total de Frases	Acertos	%	Erros	%
5. <sup>a</sup> classe	481	226	47%	255	53%
8. <sup>a</sup> classe	356	182	51%	174	49%
Ensino Médio	2170	1897	87%	237	13%
<b>TOTAL</b>	<b>3007</b>	<b>2305</b>	<b>77%</b>	<b>702</b>	<b>23%</b>

**Quadro 8. Comparativo da colocação dos Pp na frase, por alunos da 5.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> classes e do EM**

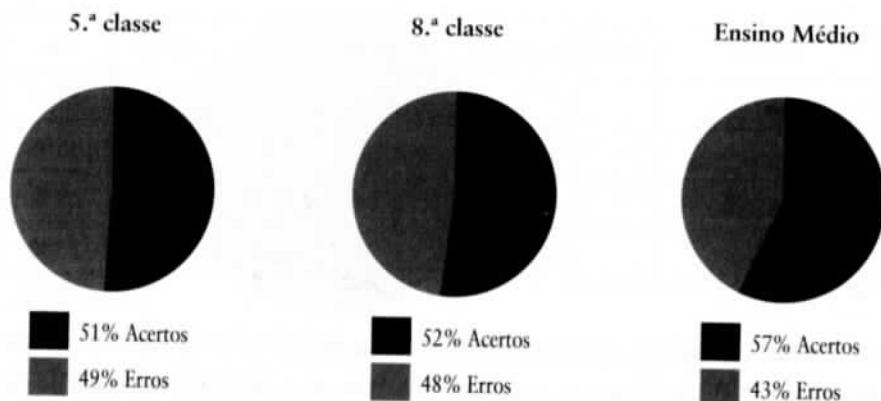
Nível	Total de Frases	Acertos	%	Erros	%
5. <sup>a</sup> classe	1677	1086	65%	591	35%
8. <sup>a</sup> classe	680	437	64%	243	36%
Ensino Médio	2170	1536	71%	634	29%
<b>TOTAL</b>	<b>4527</b>	<b>3059</b>	<b>68%</b>	<b>1468</b>	<b>23%</b>

Estes quadros apenas confirmam a influência da escolaridade no domínio da língua: em geral, a um maior nível de escolaridade corresponde uma maior competência linguística. O primeiro quadro evidencia claramente essa correspondência. Já o quadro da colocação dos pronomes na frase parece contrariar essa tendência, pois a 5.<sup>a</sup> classe apresenta maior percentagem de acertos do que a 8.<sup>a</sup> classe, facto que nos pareceu curioso. Indagadas as causas, tomamos conhecimento de que o estatuto social de muitas das crianças de uma das escolas (a única do centro da cidade onde incidiu a nossa pesquisa) é o factor que pesa no seu domínio linguístico. Com efeito, a título individual, as amostras colhidas dessa escola apresentam uma margem de acertos bastante elevada.

Retomando a análise dos quadros, os resultados gerais parecem não ser muito desanimadores: nas 3007 frases pronominalizadas, 2305 (77% do total) tinham o pronome adequadamente seleccionado, ao passo que, das 4527 frases com pronomes pessoais, em 3059 (68%) o pronome foi devidamente colocado.

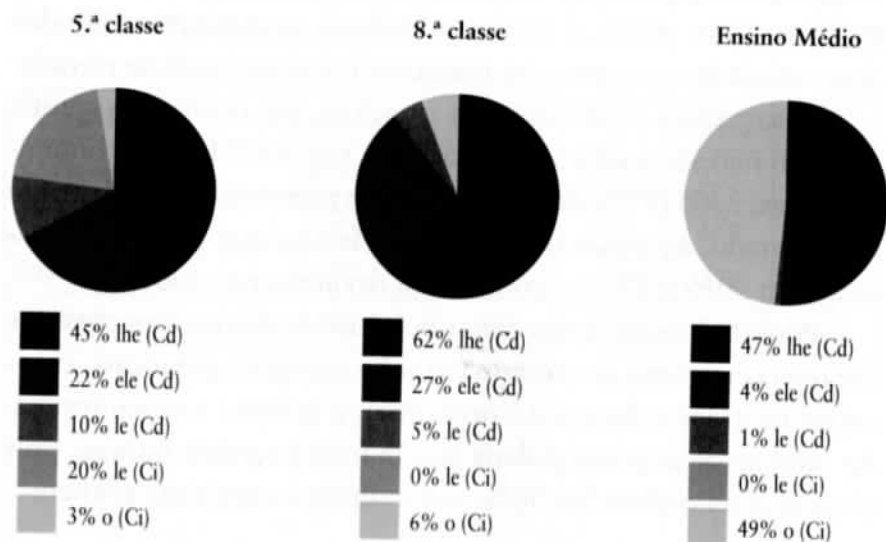
Porém, considerando em simultâneo todos os aspectos que caracterizam uma pronominalização correcta (selecção, colocação na frase e forma do pronome), é notória a insegurança. As médias de acertos globais são manifestamente baixas, pois situam-se na ordem dos 50%, como ilustra o seguinte gráfico:

Gráfico 15. Empregos globais dos Pp complemento por alunos dos três níveis de ensino



Relativamente à selecção das formas pronominais o seguinte gráfico documenta os empregos que se fazem em cada um dos três níveis:

Gráfico 16. Formas de pronome complemento usadas por alunos dos três níveis de ensino



Como se verifica, nas duas classes mais baixas da pesquisa, o leque de formas pronominais empregadas é mais vasto do que no ensino médio: uma forma não prevista pela norma é utilizada, o “le/s”, com funções de Cd ou de Ci; o “ele/a/s” é usado como Cd, uma função incompatível com o padrão europeu. Para além destas derivas, salienta-se a utilização indiscriminada dos Pp complemento de 3.ª pessoa, usando-se uns em vez de outros, numa evidente insegurança. Não provoca estranheza o uso do “lhe/s” como Cd, por esta ser uma realização característica dos detentores de níveis de instrução baixa ou nula, e, igualmente, por este ser o uso mais comum na linguagem coloquial oral. Contudo, é curioso verificar a elevada ocorrência do pronome “o/a/s” como Ci por utentes do ensino médio. Esta situação pode ser atribuída a um caso de hipercorreção, analisado em abono da hipótese da insegurança linguística. Também nos ocorre atribuir esses usos dos estudantes do ensino médio ao facto de a sondagem com estes alunos ter sido realizada por escrito e, nesta condição, a ponderação que o exercício da escrita exige terá provocado essa hipercorreção.

A ocorrência de usos incorrectos dos pronomes foi ainda detectada em várias outras situações, nomeadamente em cartas, requerimentos, anúncios, avisos, etc. Atente-se nos seguintes casos:

1. ... *saiba que lhe respeito muito*. Finalista do ISCED;
2. ... *se lhe interpelarem...* Professora do Ensino Médio;
3. ... *peço-lhe que me mandes...*;
4. *Solicita que lhe autorize a gozar as férias...* Dactilógrafo.

Num anúncio emitido pelo Ministério da Cultura, o problema da troca das formas de tratamento é muito evidente, destacando-se um procedimento comum na fala luandense, e não apenas de populares:

Se fores artesão (...) não perca tempo, inscreva-te já e participe (...). Se fores intérprete (...) aguarde pela tempestade ao vivo, e que sejas o melhor da tua província.

### 5.2.5 EMPREGOS PRONOMINAIS PELA IMPRENSA

No tocante ao emprego dos Pp, em todas as edições do JA analisadas se inventariaram divergências relativas ao uso padronizado (Anexo IV).

#### a) Selecção do pronome Cd e Ci

Embora de baixa frequência, o emprego do Ci (*lhe, lhes*) em vez do Cd (*o, a, os, as*) ocorre, conforme testemunham os exemplos:

1. *O que também lhe preocupa é a fuga de quadros da Província...* JA n.º 6567, 30-10-1995, p. 15;
2. *... e que lhe colocaram em lugares cimeiros...* JA n.º 6567, 30-10-1995, p. 17;
3. *... e que não foi suficiente para retirar-lhe da competição...* JA n.º 6567, 30-10-1995, p. 22;
4. *... e empreender uma série de acções que lhe levaram a tornar-se dono e senhor...* JA n.º 6723, 05-04-1996, p. 2;
5. *... longe dos índices competitivos que lhe norteiam...* JA n.º 6738, 20-04-1996, p. 15.

#### b) Colocação dos pronomes complemento na frase

No JA, os desvios mais frequentes na colocação dos Pp na frase ocorrem em orações subordinadas onde se observam incoerências de uso: o pronome, ora é anteposto, ora é posposto ao verbo. A norma prescreve, para estas situações, a próclise do pronome ao verbo. Encontraram-se, neste diário, vários exemplos em que se não cumpre esse preceito. Aparecem, por vezes, usos diferenciados em contextos frásicos iguais, na mesma página e no mesmo artigo:

1. *Luta Diamena disse que prevê-se a participação...*
2. *... já que far-se-ão...*
3. *... no qual apurar-se-ão os representantes africanos...*
4. *... bem como distribuíram-se manuais...* JA n.º 6567, 30-10-1995, p. 22;
5. *De referir que os comerciantes desta província regem-se pelo mercado...* JA n.º 6498, 22-08-1995, p. 7;
6. *... disse que esta mudança impõe-se pela simples razão...* JA n.º 6557, 30-01-1996, p. 14;
7. *... mal vai-se estendendo...* JA n.º 6557, 30-01-1996, p. 23;
8. *... ontem esteve em Malanje onde inteirou-se do funcionamento...* JA n.º 6294, 28-01-1995, p. 9;
9. *... porque as obras enquadram-se no projecto...* JA n.º 6690, 04-03-1995;
10. *... acrescentou que esta prática regista-se sobretudo nas áreas...* JA n.º 6690, 04-03-1995, p. 24;
11. *... que o próximo evento realizar-se-á em Dezembro* JA n.º 6498, 22-08-1995, p. 11;
12. *Que o adiamento deveu-se a problemas...* JA n.º 6498, 22-08-1995, p. 11;
13. *... os responsáveis (...) justificaram que isso deve-se às inúmeras...* JA n.º 6657, 30-01-1996, p. 3;
14. *... que a mesma deve-se à falta de garrafas...* JA n.º 6657, 30-01-1996, p. 5;
15. *... e que os objectivos redundam-se na manutenção...* JA n.º 6657, 30-01-1996, p. 22;
16. *... referiu que, nos últimos tempos, tropas da Unita têm-se movimentado...* JA n.º 6567, 30-10-1996, p. 7;
17. *... que predispôs-se inclusive a emprestar-nos...* JA n.º 6663, 05-04-1996, p. 10;
18. *... que riam-se de nós...* JA n.º 6663, 05-04-1996, p. 10
19. *... a poderosa arma que guiou-nos à vitória...*  
*... que infelizmente deixou-se ficar nos quartos de final...* JA n.º 6663, 05-04-1996, p. II (especial);

20. ... *porquanto grande parte destes encontram-se descapitalizados...* JA n.º 6664, 06-04-1996, p. 13;
21. ... *onde as populações serviam-se das salinas...*  
JA n.º 6664, 06-04-1996, p. 12;
22. ... *que sobrepôs-se aos demais intervenientes.*  
... *que disputou-se numa final...*  
*Jogadores houve, que notabilizaram-se...*  
*Foi aquilo que assistiu-se no sábado...*  
JA n.º 6664, 06-06-1996, p. 21;
23. *Esclareceu que cerca de 300 efectivos dessa força encontram-se aquartelados...* JA n.º 6738, 20-04-1996, p. 3;
24. ... *acrescentou que a delegação sueca (...) deslocou-se a Malanje...* JA n.º 6738, 20-04-1996, p. 2;
25. *De recordar que com este novo partido eleva-se para 92 o número de formações políticas legalizadas.* JA n.º 6741, 23-04-1996, p. 5;
26. *Disse que ao actual técnico ser-lhe-á dada mais uma oportunidade...* JA n.º 6741, 23-04-1996, p. 22;
27. ... *quando, no dia anterior, compravam-na a sete milhões e 600 mil.* JA n.º 6748, 30-04-1996, p. 2;

Ocorrem, por vezes, na mesma página, empregos diferenciados do pronome em contextos frásicos iguais:

28. ... *cujo funeral realizar-se-á em data a anunciar...*  
... *cujo funeral realiza-se hoje...*  
... *que o funeral se realiza hoje...*  
JA n.º 6744, 26-04-1996, p. 17.

No âmbito da colocação do pronome na frase, foi feito o levantamento de casos que divergem das regras padronizadas, nomeadamente:

#### c) Em frases afirmativas

1. *Isto nos possibilita que façamos...* JA n.º 6557, 30-01-1996, p. 22;
2. ... *os [moradores] das áreas periféricas se predispõem a participar...* JA n.º 6498, 22-08-1995, p. 9;
3. *A delegação do BAD se encontra desde sexta feira em Angola* JA n.º 6741, 23-04-1996, p. 5.

#### d) Em frases negativas

1. ... *pois se os clubes não inscrevem-se nas próximas horas...*  
JA n.º 6557, 30-01-1996, p. 23;
2. *Mas a preocupação não quedou-se na intervenção governamental.* JA n.º 6664, 06-04-1996, p. 12;
3. *Porque não colocaram-se lombas a cada 500 metros?* JA n.º 6737, 19-04-1996, p. 13.

#### e) Em frases em que a gramática estabelece a próclise do pronome ao verbo

1. *Quanto à alimentação, eles mesmos produzem-na...* JA n.º 6663, 05-04-1996, p. 14;
2. *Daí talvez diga-se que valeu apenas (sic) a África do Sul ter ganho.* JA n.º 6663, 05-04-1996, p. II (especial);
3. *Assim, só nas próximas jornadas (...) poder-se-á esboçar ou definir o campeão.* JA n.º 6737, 19-04-1996.

Os exemplos das alínea a), c), d) e e) são ocorrências mais esporádicas. Porém, isso não lhes diminui a importância, pois, sendo o JA um órgão de difusão, os seus usos linguísticos tendem para a massificação.

## 5.2.6 EMPREGOS PRONOMINAIS EM OBRAS DE ESCRITORES ANGOLANOS<sup>28</sup>

Contos, novelas e romances são, por excelência, produções literárias, onde se pode conferir à realidade social abordada um carácter verosímil. Aqui, as personagens actuam e falam – tal como na vida real. Estas entidades ficcionais, nas obras dos escritores angolanos são, muitas vezes, populares que patenteiam um baixo nível de escolaridade. Por conseguinte, apresentam, normalmente, um fraco domínio do português. É a fala destes personagens que aqui transcrevemos, já que elas (personagens de baixo ou nulo grau de escolaridade) representam a maior parte da população falante de português em Angola.

Nas falas de personagens da ficção angolana, detectaram-se os seguintes usos:

### a) Selecção do pronome Cd e Ci de 3.<sup>a</sup> pessoa

Neste domínio, ressalta o emprego quase exclusivo do pronome Ci (*lhe, lhes*) ou, menos frequente, o uso do *ele/a/s* como Cd. As formas *o, os, a, as* estão praticamente excluídas do uso popular:

1. *Pagaram churrasco, cerveja, ia-lhes escorraçar?* A. C., p. 40;
2. *Precisava lhe ver.* A. C., p. 171;
3. *Eu vou lhe encontrar.* A. C., p. 178;
4. *... se calhar um carro lh'atropelou...* A. C., p. 185;
5. *Pisei-lhe?* U. X., p. 58;
6. *... tratar-lhe como gente.* U. X., p. 63;
7. *Mataram-lhe.* L. V., p. 66;
8. *Ainda não lhe procurei.* L. V., p. 142;
9. *Eu vi, vi-lhe bem.* L. V., p. 151;
10. *Eu não lhe reconheci (...) e lhe gritei.* H. A., p. 13;
11. *Andas lhe ver durante a viagem.* R. M., p. 16;

12. *Recebo-lhe tão bem em minha casa...* R. M., p. 21;
13. *Querem que você lhe trate.* R. M., p. 25;
14. *Se eu lhe odiar...* R. M., p. 76;
15. *Quem havia de lhes sustentar?* R. M., p. 92;
16. *... os velhos não deixam ela vir.* U. X., p.;
17. *Você lhe leva, Betinho.* H. A., p. 143;
18. *Lhe convence!* H. A., p. 150;
19. *Persegui-lhe (sic) toda a vida.* L. V., p. 40;
20. *Ninguém que lhe viu.* L. V., p. 45;
21. *Sempre assim que eu vejo ela.* L. V., p. 45;
22. *... nunca queria que lhe tratassem de senhor.* L. V., p. 47;
23. *... ouvi-lhe uma vez dizer...* L. V., p. 48;
24. *A gente todos lhe tratamos por tu.* L. V., p. 48;
25. *Nunca a gente podia lhe ver.* L. V., p. 54;
26. *... a gente matava-lhes...* L. V., p. 54;
27. *... procuro ela em todo o lado.* L. V., p. 58.

### b) Colocação do pronome na frase

A grande tendência de colocação do pronome átono na frase é a próclise, podendo o pronome ocorrer até em início de frase.

1. *Lhe davam muitas rendas.* A. C., p. 53;
2. *Lhe bati na cara, só duas chapadas.* A. C., p. 53;
3. *Me passa ali os caricocos.* A. C., p. 138;
4. *Nzambi nos aqueceu.* A. C., p. 198;
5. *Estou te ameaçar mesmo.* B. C., p. 55;
6. *Me bate então.* B. C., p. 55;
7. *Mi (sic) gostas?* B. C., p. 60;
8. *É quem que está me chamar?* B. C., p. 73;
9. *Naquele dia me mandaste na loja.* U. X., p. 63;
10. *Estava me esperar.* L. V., p. 21;
11. *Nos conhecemos muito tempo já.* L. V., p. 58;
12. *Você me entregaste um bilhete.* L. V., p. 62;
13. *... mas ele m'adiantou os dinheiros.* L. V., p. 12;
14. *Pensei te agarraram outra vez num cipaio.* L. V., p. 126;

<sup>28</sup> Na bibliografia apresenta-se a lista das obras consultadas

15. *Vem, filho, me paga já um copo...* L. V., p. 147;
16. *... ou então me castiga.* H. A., p. 21;
17. *Eu te conheço.* H. A., p. 39;
18. *Estou te perguntar...* H. A., p. 156;
19. *... me saiu sem querer...* H. A., p. 156;
20. *Lhes deitei fora.* R. M., p. 36;
21. *Tu queres me matar, não é? Estás me fazer julgamento...* R. M., p. 37;
22. *Quem que tiver razão dele, lhe dou com ele.* R. M., p. 42;
23. *... anda lhes deixar vir comer na mesa.* R. M., p. 50;
24. *Te mete ainda no lugar dessas pessoas.* R. M., p. 57;
25. *Se ele te tinha roubado, eu te pagava. Te roubou ou te comeu quê? Te partiu teus adobes?* R. M., p. 65;
26. *Me diz ainda...* R. M., p. 65;
27. *Lhe empurraram mesmo na santa.* R. M., p. 67;
28. *Quando o machimbombo partiu lhe vi a ficar...* R. M., p. 73;

Ocasionalmente ocorre a duplicação do Pp:

29. *O miúdo te fez-te algum mal?* L. V., p. 141;
30. *Se passou-se confusão, na Lina?* L. V., p. 145;
31. *Tens medo senão eu te limpava-te os Kwanza.* R. M., p. 42.

Com excepção da forma “le/s”, que não foi detectada em nenhuma das obras de escritores angolanos, os restantes usos de Pp são coincidentes com os empregos detectados nas camadas da população com zero ou baixo grau de instrução, quer a nível da selecção, quer na colocação do pronome na frase quer, ainda, na incoerência nas formas de tratamento.

Investigado o funcionamento dos Pp em termos de estabilidade e ou oscilação no português de Luanda tendo como referência a norma europeia, estamos em condições de sistematizar as conclusões relativas a esta questão.

## VI CONCLUSÕES

A situação do português como língua segunda em Angola para a maior parte dos angolanos dá origem a usos linguísticos que se demarcam dos preceituados pelo padrão linguístico europeu. Dentre esses usos, os pronomes pessoais, no português de Luanda, apresentam um funcionamento peculiar, em que se destacam as seguintes características:

### 6.1 SOBRE O EMPREGO DOS PP NO PORTUGUÊS DE LUANDA

#### 6.1.1 PRONOMES RECTOS

Relativamente ao emprego dos pronomes rectos (eu, tu, você, ele/ela, nós, vós, vocês eles/elas) concluímos que:

- a) O pronome “você” não é exclusivo do tratamento formal: utiliza-se correntemente na linguagem popular, em paridade com o “tu”, transferindo-se para aquele a forma verbal a este correspondente, nestes termos:

**Ex.:** *Você me conheces?*

*Você não estavas me ligar.*

Destaque-se, porém, que, mesmo em utentes de escolaridade média e superior, se testemunha o emprego deste pronome (você) no tratamento informal, assistindo-se a incoerências no tratamento a uma mesma pessoa, embora sem a discrepância entre a forma verbal e o pronome de tratamento, como o uso que caracteriza a linguagem popular.

*Ex.: Se vires a Palmira, diga-lhe que quero falar com ela.  
Você chega lá e não te dão nem uma cerveja.*

A incoerência que se assiste a este nível tem a ver, sobretudo, com a combinação dos diversos pronomes pessoais e possessivos, cujo emprego se apresenta aleatório.

- b) O pronome sujeito “ele”, (com as variantes de género e de número), para além da função de Ci que a norma licencia quando preposicionado, é usado como complemento directo, num desvio ao cânone padronizado.

*Ex.: Deixei elas no Kinaxixi.  
Encontrámos ele na cantina.*

### 6.1.2 PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos, aqueles que desempenham a função de complemento directo e/ou indirecto, caracterizam-se pela sua mobilidade na frase, podendo apresentar, na óptica da norma padrão, posições enclíticas, mesoclíticas e proclíticas em relação ao verbo. Relativamente a estes pronomes concluímos que:

#### a) Sobre a selecção dos pronomes complemento de 3.<sup>a</sup> pessoa

Os pronomes Cd de 3.<sup>a</sup> pessoa (o, a, os, as) estão praticamente banidos da linguagem popular. Em seu lugar usa-se o “lhe/s” (mais frequente), ou outras formas como o “le/s” ou o “ele/a/s”.

Nas camadas sociais escolarizadas, estes pronomes são alvo de frequentes derivas, verificando-se alternâncias no seu emprego, indiferentes às suas funções. A frequência dos desvios é directamente proporcional ao nível de instrução, mas a vacilação ocorre até em utentes com nível universitário. Verifica-se, portanto, que a escolarização altera o quadro de empregos desviantes, mas não os anula, concorrendo, muitas vezes, para agudizar a vacilação nos

empregos dos pronomes Cd (o, a, os, as) e Ci (lhe, lhes), produto da precariedade da competência linguística.

Na generalidade, o complemento mais vulnerável e susceptível de substituição é o directo (o, a, os, as) que, quando substituído, a escolha recai, com maior frequência para o “lhe/s”; ocorre, igualmente, como “le/s” ou como “ele/a/s”.

Em detentores de zero ou baixo grau de escolarização, o “le/s” é igualmente utilizado como complemento indirecto.

Os pronomes reflexos e recíprocos, no uso popular, isto é, em pessoas de baixo ou nulo grau de escolaridade, aparecem neutralizados na forma de terceira pessoa “se”, para todas as pessoas gramaticais. A interferência do substrato linguístico, o kimbundu, é aqui indiscutível. Nesta língua, emprega-se uma mesma e única forma, o infixos reflexivo e recíproco, invariável -di-, válido para todas as pessoas gramaticais. A tendência de neutralização do pronome reflexo e recíproco foi constatada até ao nível de 5.<sup>a</sup> classe, onde os usos apresentavam uma certa oscilação, mas com evidências para a superação do desvio. Em utentes com a 8.<sup>a</sup> classe e do EM não se testemunhou nenhum emprego desta natureza.

O tónico “mim” é utilizado, por utentes de baixo nível escolar (por vezes até com o EM), com a função de sujeito, na introdução de orações infinitivas iniciadas por “para”.

*Ex.: Para mim tirar um dez...*

*Para mim não atravessar a rua...*

#### b) Colocação do pronome na frase

Relativamente a esta questão e referindo-nos à população escolarizada, não se pode afirmar que a tendência seja para a próclise ou para a ênclise do pronome ao verbo. O que se assiste é uma instabilidade no posicionamento do pronome na frase que se vai reduzindo com o aumento da escolaridade, embora esta não anule essa tendência. Já as camadas populares manifestam uma preferência muito forte por colocações proclíticas ao verbo. Entretanto,



independentemente do nível de instrução, a vacilação permanece com maior ou menor intensidade, sobretudo na linguagem coloquial oral: orações absolutas afirmativas simples são pronominalizadas procliticamente, enquanto orações negativas ou subordinadas o são encliticamente, numa evidente insegurança linguística.

Um uso já sistemático é o **emprego do Pp complemento em locuções verbais** com o verbo principal no infinito: quase sempre, a opção no posicionamento do pronome recai sobre a ênclise ao verbo auxiliar.

### Quadro 9. Colocação do Pp em perífrases verbais

Uso da língua cuidada	Uso da língua coloquial já generalizada e aceite
<i>Pode dizer-se...</i>	→ <i>Pode-se dizer...</i>
<i>Posso ser-te útil?</i>	→ <i>Posso-te ser útil?</i>
<i>Estás a referir-te a...</i>	→ <i>Estás-te a referir a...</i>
<i>Estou a lembrar-me...</i>	→ <i>Estou-me a lembrar...</i>

Estas ocorrências verificam-se em indivíduos de todos os escalões sociais e estão, praticamente, enraizadas e generalizadas.

## 6.2 INFLUÊNCIA DO KIMBUNDU NO EMPREGO PP

Relativamente à influência do substrato linguístico do português em Luanda, podemos concluir que:

A contaminação exerce-se em proporção directa a nível de instrução do falante: ao mais baixo nível corresponde um mais forte contágio das características do kimbundu. Assim, no âmbito da pronominalização, os aspectos em que se destaca esse contágio são os seguintes:

A incidência do emprego do pronome “**lhe/s**” quer como **Ci**, quer como **Cd** e a exclusão dos pronomes “**o/a/s**”, nas camadas de baixa ou nula escolarização. No kimbundu emprega-se uma única forma de pronome para estes dois complementos, apenas variável em número: “**-um-**” (singular) e “**-a-**” (plural).

Ainda nas camadas populares, os reflexivos e recíprocos aparecem neutralizados na forma “**se**” para todas as pessoas gramaticais. O uso kimbundu justifica este emprego, pois, nesta língua, o infixo “**-di-**” serve para todas as pessoas gramaticais.

Na língua kimbundu, a colocação do pronome na frase é sempre proclítica ao radical verbal. Esta característica é responsável pela anteposição do pronome ao verbo, muito forte nas camadas de baixa ou nula escolaridade e oscilante nas camadas escolarizadas, por vezes, até, com um nível universitário. Esta oscilação no posicionamento do pronome na frase em utentes escolarizados decorre não só da insegurança linguística, mas também da oferta linguística em geral. O elevado índice de população não escolarizada ou com uma escolaridade abaixo da média origina essa variância. A massividade de certos usos linguísticos propicia a sua penetração no português de pessoas de razoável formação, a tal ponto que chega a ser irrelevante o facto de o português ser a língua materna.

## 6.3 PAPEL DA ESCOLA E DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Relativamente à escola, o facto de ela não anular certos usos linguísticos incompatíveis com a norma evidencia a sua debilidade no desenvolvimento da competência linguística do estudante. O problema da pronominalização é um exemplo que patenteia essa debilidade: registos de derivas de empregos pronominais verificam-se até em utentes com a formação universitária concluída e mesmo em professores de todos os níveis.

Quanto à comunicação social – a rádio, a televisão e o jornal – o seu desempenho linguístico nem sempre se pauta pela consonância com o uso padronizado, como oportunamente se comprovou. Estes órgãos veiculam erros, utilizando, por vezes, registos que contrariam o português estandardizado. A linguagem utilizada pela comunicação social tende a ser considerada como modelo e não tem dificuldade em impor-se. Por conseguinte, a utilização da língua pelos agentes destes órgãos constitui um poderoso factor de mudança e de fixação linguística: sempre que o ouvinte, o telespectador ou o leitor reconhece no que ouve na rádio ou na televisão ou lê no jornal a sua própria variante linguística, esta consolida-se.

A língua é um processo em permanente construção. Mas se os pontos de referência para essa (re)construção, isto é, se a oferta linguística se apresenta demarcada da norma padrão, a acção correctiva fica muito limitada e os usos desviantes generalizam-se.

## VII RECOMENDAÇÕES

Não queríamos concluir este trabalho sem expressar o nosso desejo de esta temática ser objecto de estudo para aprofundamento e extensão a nível do país.

Formulamos, ainda, as seguintes recomendações, endereçadas a quem de direito, para se assumirem medidas tendentes ao saneamento de alguns dos problemas evidenciados ao longo deste trabalho:

1. Investir fortemente em acções de capacitação e aperfeiçoamento sistemático do corpo docente, dando particular atenção à sua formação linguística. Concomitantemente, implementarem-se medidas de retenção dos professores na carreira;
2. Encorajar a pesquisa linguística a nível do português, para se determinarem os traços distintivos desta língua em Angola e detectarem-se as áreas de mudança, no sentido de, no futuro, se assumir uma atitude relativamente aos usos generalizados que se desviam da variante padrão adoptada;
3. Esclarecer e sensibilizar a sociedade sobre a necessidade e importância do incremento do bilinguismo, introduzindo as línguas nacionais no *curriculum* escolar como matéria de ensino e, sempre que a situação linguística dos alunos o exija e as condições o permitam, como veículo de ensino.

# ANEXOS

Anexo I

## \* PRONOMINALIZAÇÃO \*

COMO SABE, OS COMPLEMENTOS DIRECTO E INDIRECTO PODEM SER SUBSTITUÍDOS PELOS PRONOMES o, a, os, as, me, te, nos, vos, lhe, lhes. Quando figuram na frase os dois complementos (directo e indirecto) os pronomes correspondentes podem aparecer contraídos (Exemplo: me+a=ma; te+os=tos; lhe+as=lhas, etc.)

1. Nas frases abaixo, os complementos directo e indirecto estão sublinhados. Reescreva cada frase, substituindo-os por pronomes pessoais complemento:

Exemplo: A professora dispensou os alunos.  
A professora dispensou-os.  
Escreveste aos teus pais?  
Escreveste-lhes?

- a) A Ana viu o irmão, mas o irmão não viu a Ana.  
A Ana viu o irmão, mas o irmão não viu a Ana.
- b) O Mário fechou as janelas há dez minutos.  
O Mário fechou - as há dez minutos.
- c) Viram os professores na palestra.  
Viram - lhes na palestra.
- d) Oxalá encontres o filme.  
Oxalá encontres - o.
- e) Eu não quero a água gelada, quero a água morna.  
Eu não quero - a gelada; quero - a morna.
- f) Quando dirás à tua mãe que largaste o emprego?  
Quando dirás - lhe - dirás que largaste o emprego?
- g) Alguém mostrou as novas máquinas ao director?  
Alguém mostrou - lhe as novas máquinas?
- h) Tu também viste o acidente?  
Tu também viste - o?
- i) Nós já provámos esses bolos.  
Nós já provámos - os.
- j) Peço (a ti) que contes aos teus irmãos que acabei o curso.  
Peço - te que contes que acabei o curso.
- l) Assim que acabarem de ler as revistas, devolvam-me as revistas.  
Assim que acabarem de ler as revistas, devolvam - me as.
- m) Convince os teus pais a virem contigo.  
Convince - os a virem contigo.
- n) Ontem encontrei a tua irmã no Prenda.  
Ontem encontrei - a no Prenda.

Aluno do Ensino Médio

Anexo II

Anexo II

Extractos de Composições de Alunos com a 8ª classe

Encontra-me na local da crime, não queria a conversa com a senhora a pessoa matou a sua mulher.  
- o que te levou a cometer o crime? 14 anos, 8ª classe

\*\*\*\*\*

- Alô, como te chama, qual o nome da tua mãe?  
- Mãe, uma e só, a senhora, qual matou a sua mulher. Na sua infância não me lembro de ter conhecido a senhora.  
\* Nam da senhora Augusto Gomes  
\* Nam da senhora  
\* Então qual foi a causa do crime? Foi isso  
\* Eu matei a minha mulher porque ela me traiu  
\* Te traiu como a senhora apanhou, ela apanhou  
\* Não apanhei mas tenho a minha  
\* Para ter a minha, a senhora apanhou a minha, se não apanhou então não (senhora) tem a minha  
\* Senhora eu que fui o  
- Senhora Augusto sabe que isso é um crime  
- Si sim  
- A senhora Augusto sabe qual se não tem a minha  
Vais para a casa  
- Essa mulher muito bem  
- Como é que a senhora se sente na sua mamãe  
- Eu me sinto muito mal  
- Vais se sentir mal com a minha mãe? Já não  
Tens mulher? Já não te casaste, já não a trocava etc...  
- Sim eu vou casar, muita falta mais eu sinto que não sei  
- Ah, estava a falar com a senhora Augusto, de 23 anos  
que matou a sua mulher, de 23 anos, com 23 anos, coisas da vida, muito bom dia coisas diferentes.  
8ª classe 14 anos

\*\*\*\*\*

- O senhor sabe que não está certo em ter agido assim?  
- Não quero mais tocar no assunto, está confuso, e não está encaixando agora a falar nisso.  
- Senhora Beta não se esqueça de fazer mais perguntas, estas serão as últimas - o senhor conhece a história?  
- Sim, conheço  
- Então sabe que se vai acontecer?  
- Não, não sei  
- Pronto senhora Beta e tudo obrigado  
- Pois é o senhor Beta apanhou a mulher, conhece as leis e não sabe o que se vai acontecer!  
8ª classe  
16 anos

- SIM JÁ PREVIA MATAR ELA.  
- Essa forma de Valerem de Senhor Augusto de  
pós de Les Matado a Mulher Confessou perante  
A Imprensa  
8ª classe, 21 anos

\*\*\*\*

Aparição - me tem pouco mais, quando  
na sua casa. Sabe a senhora  
e fotografar, por isso levou a máquina  
câmbio.  
- Obrigada pela informação que nos prestou?  
8ª classe, 14 anos

\*\*\*\*

- E depois da primeira vez com a sua filha como se sentiu?  
- Me senti muito irritado, e chegando a noite, bati-lhe até que  
chegou a porta de matar-lhe a parada 8ª cl. 17 anos

\*\*\*\*

Senhora Augusto Gomes confessa o crime  
matou a sua mulher, sim, qual foi a causa do  
crime que se levou a cometer. Ela me contou  
o senhor me contou, que devia resolver isso.  
8ª cl. 17 anos

\*\*\*\*

1. Eu matei a minha senhora porque sentia-me  
que ela andava com outro homem.  
- O senhor disse que viu dizer que andava com  
outro homem, se isso foi verdade foi a senhora a dizer?  
- Bem senhora jornalista eu não sei ouvi como fosse  
por si, ela com seu amante, saindo por si na minha  
praia casa. Era no mês de 1953, talvez no caso do senhor  
faria qual que a senhora, eu bati-me em sua casa para a casa  
Mas o senhor conta que tomou a medida de se  
matando ela, a sua própria esposa. 8ª classe, 17 anos

\*\*\*\*

- SENHORA SAPATELHO QUE MATOU O LEVAVAM A ASSASSINAR SUA ESPUSA?  
- Alô senhora jornalista pelo si me ajuda com a minha  
mulher com outro homem! Isto é ASSASSINATO!  
14 anos 8ª classe

\*\*\*\*

- Eu matei a minha mulher porque me deu motivos para não falar, que  
ela me enganava com outro homem. E além disso ela  
ameaçava muito a minha mãe porque a matou.  
8ª classe, 15 anos

## Anexo III

Extractos de Composições  
de Alunos da 5ª classe

O meu livro é para ler, é que leio, é a minha lapizeira para escrever e que escrevo com a lapizeira e o meu lápis é para mim escrever, e a minha caneta é para mim escrever.

Eu gosto de animais eu tenho uma cadela para cuidar e preciso dar-lhe comida, água, uma casinha onde ela possa ficar e etc.

Eu gosto de ir cedo às aulas em quanto quando preciso de trazer para depois fazer uma copetização

5ª classe, 11 anos

\*  
O meus Amigos deixam-me limpar com os fiquedos deles  
? Ele deixa também (ele) limpar com os meus liques das nos não devemos ser iguais.

Eu tenho um brabo ou uma gosa e o meu Amigo não tem eu dou-lhe sem brabo para ele não ficar triste porque se eu não lhe dar ele não vai mi dar

5ª classe, 15 anos

o meu livro é para (mim) ler

A minha caneta é para (mim) escrever.

A minha lapizeira é para (mim) escrever.

O meu lápis é para (mim) escrever.

Eu gosto de animais animais fui eu tenho lá: o cão o gato, e outros

animais eu tenho lá.

Eu gosto de ir cedo e levantar muito cedo para fazer a minha

5ª classe, 11 anos

## Anexo III

Toda Dia eu acordo vou a casa de banho tomo banho, escovo os dentes usando-lhe a casa de banho, depois de ir para a minha roupa mais apurada e depois vou a mesa matricular.

Se eu estiver sentado ao maximbando e entre para deitar com o meu livro ao colo eu vou ligando-se delicadamente e lá, apuro o meu lugar.

5ª classe, 15 anos

\*  
Quando o professor entra na sala levanta as mãos para o saudar.

O meu cadete é para (mim) ler.

O meu lápis é para (mim) escrever.

A minha caneta é para (mim) escrever.

Eu gosto de ir cedo e levantar cedo para ir mais

trabalhar sempre bem.

5ª classe, 14 anos

\*  
A minha caneta serve para escrever a mim

O meu cadete serve para (mim) escrever

O meu livro serve para eu ler

Eu tenho um cão de (mim) banho de (mim) de comer de (mim) de ler quando está doente (mim) para a veterinária e me veterinária onde tratam os animais

5ª classe, 12 anos

\*  
Depois de acordar eu faço os dentes e tomo banho e depois vou para a casa e penteio o cabelo e depois se espreguinho o pescoço no corpo e depois preparo a (mim) e depois tomo o matricular.

Se eu estiver na sala de aula não fazer barulho na sala e se estiver como gente quando o professor entrar na sala de aula não tenho que (mim) levantar a mão para o (mim) complementar ou ajudar quando o meu amigo me ajudar eu não vou lutar com ele eu primeiro vou a ajudar a mão dele e depois vou a ajudar na minha mão e depois vou a ajudar que a minha mão vai dizer.

5ª classe, 13 anos

## Anexo III

seus tempo um bolo e meu amigo <sup>(m)pede</sup> e reparto no  
meia com ele

Eu leve os meus livros para casa e duarde <sup>(e)l</sup> no meu devido  
lugar.

Quando professor entra <sup>(m)os</sup> levantamos para cumprimenta  
o limpar professor.

Eu gosto de animais e minha <sup>(b)irle</sup> mal al meu cão  
ter ele guarda minha casa. em trapo sem o meu cão

5ª classe, 11 anos

Os meus amigos deixam-me brincar com os brinquedo  
deles e eu também deixo <sup>(les)</sup> brincar com os meus  
brinquedos.

5ª classe, 11 anos

Todos os dia quando eu <sup>(s)icordo</sup>: passo tempo bahe, matabi  
aroma a cama depois comprimenta o mat.

Quando meu pai <sup>(m)ida</sup> dinheiro: apaha com ele o autocara  
ou camandanga ou compra em Sambafite.

Quando o meu amigo mi ensarta, eu <sup>(le)brisa</sup> fui são quere  
lutar

se se tenha aõ bolo ou uma gazoze e o meu amigo são te  
le <sup>(l)ichamo</sup> e <sup>(l)eu</sup>.

Quando se saia da escola vai em casa <sup>(m)ate</sup> o Caderno  
e na banca

Quando o professor entra na sala ou uma vizitanta  
eu feha <sup>(s)e</sup> depe e Comprimenta

5ª classe, 13 anos

## Anexo IV

## RECORTES DE JORNAL DE ANGOLA

= Jornal de Angola n° 6664 de 06/04/96 =

porquanto grande  
parte destes encontrava-se  
já descapitalizados.  
pág. 13

qualitativo, que  
sobrepôs-se aos  
demais  
intervinentes.  
pág. 21

Jogadores  
houve, que notabilizaram-  
se já 5 dias antes, alguns  
impedidos de mostrar um  
pouco mais do que valem  
pág. 21

Mas a preocupação não  
quedou-se na intervenção  
governamental. pág. 12

OS outros, à quem  
também deposita-  
vam-se largas espe-  
ranças, acabaram por ser  
sombra de si mesmos.  
pág. 21

FESTA - Foi  
aquilo que assistiu-se  
sábado ao princípio  
da noite nas ruas de Joa-  
nburgo. pág. 21

em Benguela, onde  
as populações serfiam-se  
das linhas para ali fazerem  
as suas necessidades fisio-  
lógicas pág. 12

Allá, esta foi na história  
das Taças das Nações já  
disputadas até hoje a pri-  
meira vez que disputou-se  
uma "final" sem a presen-  
ça do campeão em título.  
pág. 21

Houveram afinal  
equipas que conseguiram  
distinguir-se e jogadores  
que notabilizaram-se em  
face do teor qualitativo do  
seu futebol. pág. 21

☆☆☆

= Jornal de Angola n° 6737 de 19/04/96 =

Isafas Samakiva, que ini-  
cialmente mostrou-se ale-  
gre, por, mais, uma vez  
visitar a sua terra natal.  
pág. 3

Porque não  
colocarem-se umas lombas  
a cada 500 metros?  
pág. 13

Assim,  
só nas próximas jornadas,  
e em função dos resultados  
das mesmas, poder-se-á es-  
boçar ou definir o  
campo.

☆☆☆

= Jornal de Angola n° 6739 de 20/04/96 =

Esclareceu que cerca de  
300 efectivos desta força  
encontram-se aquartelados  
desde meados de Março úl-  
timo, em Benguela.  
pág. 3

tendo estes  
constatado as más condi-  
ções em que os efectivos da  
"PIR" se encontram aca-  
modados nos três dormi-  
tórios. pág. 3

Tudo porque os donos da  
casa habituados a grandes  
exibições no seu reduto, es-  
tiveram simplesmente irre-  
conhecíveis, longe dos  
fideles competidores que  
lãs norriam. pág. 15

acrescentou que a de-  
legação susca às nego-  
ciações deslocou-se a Ma-  
laje. pág. 2

que denominou-se de "vi-  
velo e mola impulsiona-  
da do desenvolvimento da  
modalidade". p. 15

Anexo IV

Jornal de Angola n° 6741 de 23/04/96 ==

O gerente da fábrica acrescentou que a mesma encontra-se paralizada por falta de matéria-prima. **pág. 5**

De recordar que com este novo partido eleva-se para 92 o número de formações políticas legalizadas. **pág. 5**

acrescentando que agora vai-se trabalhar muito mais na Reinserção das populações. **pág. 4**

Adelegação do BAD se encontra desde sexta-feira em Angola. **pág. 5**

Numa altura em que a sociedade confronta-se com notícias constantes. **pág. 13**

no dia 22/04/96 cujo préstito funebre realiza-se no dia 23/04/96 pelas 15h00 no cemitério da San'Ana. **pág. 17**

e comunicam que o seu funeral realiza-se hoje, dia 23/04/96, pelas 15 horas. **pág. 17**

Desde criança, Lom-Ali Ibragimov sente paixão pelo "desporto-rei". Quando a idade não lhe perdoou, impedindo-o de continuar a jogar, tornou-se árbitro. **pág. 23**

disse que ao actual técnico ser-lhe-á dada mais uma oportunidade. **pág. 22**

☆☆☆

Jornal de Angola n° 6744 de 26/04/96 ==

e do "No Pintcha" disseram que os respectivos trabalhadores reuniram-se ontem de manhã. **pág. 9**

até porque várias vezes ouviu-se alguns responsáveis da empresa a referenciar uma série de avarias. **pág. 6**

peló que converteram-se em verdadeiros inquilinos, há mais de uma década. **pág. 13**

Faz tempo que os colectores de evacuação das águas encontram-se obstruídos. **pág. 15**

25/04/96, cujo funeral realizar-se-á em data a anunciar oportunamente. **pág. 16**

cujo funeral realiza-se hoje, dia 26/04, pelas 15h00, no Mais se comunica que o funeral se realiza hoje, dia 26/4/96. **pág. 14**

☆☆☆

Jornal de Angola n° 6748 de 30/04/96 ==

Existe um documento onde o MED compromete-se a atribuir os salários dos professores ao câmbio informal. **pág. 5**

quando no dia anterior compravam-na a sete milhões e 600 mil. **pág. 2**

enquanto que o tribalismo, e as diferenças étnicas e hierárquicas, vão nos distanciando cada vez mais uns dos outros. **pág. 7**

SE FORES ARTESAO Anexo V

ARTISTA PLÁSTICO

NÃO PERCA TEMPO

Inscreva-te já e participe na Tempestade Sonora, pois as tuas Obras estarão expostas para classificação

Se fores Intérprete Cantor ou Instrumentista

AGUARDE Pela Tempestade Espectáculo ao Vivo

E que sejas o melhor da tua Província OS MELHORES PARTICIPARÃO NO

FESTIVAL OS ANONIMOS TAMBÉM NASCEM Março/Setembro 95

Pró Espectáculo Kuimba

KUPROESPE

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Manuel dos Santos, (1993), *Prontuário da Língua Portuguesa*, Universidade Editora Lisboa, 1.ª edição.
- ANDRADE, Costa, *Literatura Angolana (Opiniões)*, UEA, Estudos, Ed. 70, Lisboa.
- ANDRADE, Maria Margarida de; HENRIQUES, António, (1989) *Língua Portuguesa, Noções Básicas para Cursos Superiores*, 2.ª edição, S. Paulo, Editora Atlas S. A.
- Associação das Universidades de Língua Portuguesa (1991), *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n.º 5 e 6, Lisboa.
- BACK, Eurico (1987), *Fracasso do Ensino do Português: Proposta de Solução*, Editora Vozes Lda., Rio de Janeiro.
- BARBOSA, Jorge Morais (1969), *A Língua Portuguesa no Mundo*, 2.ª edição, Agência Geral do Ultramar, Lisboa.
- BARROS, Agnela, (1991) *Linguagem e Desenvolvimentos – Algumas Reflexões sobre a Língua Veicular*, Fenacult/89, Luanda.
- BARROS, N'singi, (1989) *A Problemática das Línguas Nacionais no Ensino da RPA*, Mesa Redonda “Educação para Todos”, Luanda.
- CACONGO, Maurício, (1988) *Analyse de l'idée de alphabétiser en langages nationales notamment aux débutants de la campagne*, Mémoire de “Licenciatura em Ciências da Educação”, ISCED Lubango.
- Cadernos da Frente Cultural, (1977) *Reflexões Sobre o Estatuto das Línguas Nacionais*, 4.ª série, n.º 1, Edições do Conselho da Cultura, Luanda.
- CÂMARA JR., Joaquim Matoso, (1986), *Manual de Expressão Oral e Escrita, A exposição oral, correcção da linguagem, A Elocução, Plano de uma redacção*, 9.ª edição, Vozes, Petrópolis.



- CÂMARA JR., Joaquim Matoso, (1991) *Estrutura da Língua Portuguesa*, 20.ª edição, Vozes, Petrópolis.
- CARDOSO, Vicência, (1990) *Brochura sobre o Instituto de Língua Nacionais*, Luanda.
- CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso, (1978), *Estilística e Gramática Histórica, Português através de textos*, Edições Tempo Brasileiro Lda., Rio de Janeiro.
- CARRASCO, Agnelo, *Particularidades do Português falado em Angola*, I Encontro Nac. de Língua Portuguesa, s. d.
- CARRILHO, Maria João, (1989) *O Ensino do Português em Moçambique*, in Boletim Informativo, Serviços Culturais, Embaixada de Portugal, Maputo.
- CARVALHO, M.ª José Albarran, (1991), *Aspectos Sintáctico-semânticos dos Verbos Locativos no Português oral de Moçambique*, descrição e aplicação pedagógica, 1.ª edição, ICALP, Ministério da Educação (Portugal) e Angolê-Artes e Letras (Angola).
- CASTELEIRO, Malaca, (1976) "A Sintaxe da Didáctica do Português como Língua Estrangeira", in I Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português, *Actas*. Congresso sobre a Investigação e Ensino do Português, (1976), *Actas*.
- Congresso sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo, (1987), *Actas*.
- COUTINHO, Ismael da Lima, (1976), *Pontos de Gramática Histórica*, 7.ª ed., Ao Livro Técnico S/A, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro.
- CUESTA, Pilar Vazquez; MENDES, Maria Albertina da Luz, (1971), *Gramática da Língua Portuguesa*, Edições 70.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley, (1991), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 8.ª edição, Edição Sá da Costa, Lisboa.

- DIARRA, Boubacar, (1990) *Gramática do Kimbundu*, Projecto Angola 88/006, Desenvolvimento das Línguas Nacionais na R. P. A., Luanda.
- Escola Superior de Educação de Setúbal, (1988), *Problemática do Ensino da Língua Portuguesa em Contexto Lusófono: Espaços, Problemas e Reflexões*, vol. I.
- ESTRELA, Edite; PINTO-CORREIA, J. David, (1988), *Guia Essencial da Língua Portuguesa para a Comunicação Social*, II Congresso dos Jornalistas Portugueses.
- FERREIRA, Manuel, (1986), *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa 2*, ICALP, Ministério da Educação e Cultura.
- FONSECA, Fernanda Irene; FONSECA, Joaquim, (1990), *Pragmática Linguística e Ensino do Português*, Livraria Almedina, Coimbra.
- GAMARDI, Juliette, (1983), *Introdução à Sociolinguística*, 1.ª edição, Publicações Dom Quixote, Universidade Moderna, Lisboa.
- GENOUVRIER, Émile; PEYTARD, Jean, (1985), *Linguística e Ensino do Português*, Livraria Almedina, Coimbra.
- GUERRA MARQUES, Irene, *Algumas Considerações sobre a Problemática Linguística de Angola*, INALD, RPA.
- HAMILTON, Russell G., (1975), *Literatura Africana, Literatura Necessária I – Angola*, Ed. 70, Lisboa.
- HOUIS, Maurice; BOLE-RICHARD, Remy, (1983) *Intégration des Langues Africaines dans une Politique d'enseignement*, UNESCO.
- IMPRESA NACIONAL – Casa da Moeda, (Maio de 1983), *Estão a Assassinar o Português!* 17 depoimentos, temas portugueses.
- KUKANDA, Vatomene, (1988), *Introdução à Sociolinguística*, Centro de Documentação e Informação, Instituto Superior de Ciências de Educação, Lubango.
- KUKANDA, Vatomene, *Esboço Gramatical do Kimbundu S/D*, Instituto de Línguas Nacionais.

- LUKOKI, Ambrósio, (1978), *Algumas Considerações sobre a Problemática Linguística Elaborada para os professores de Língua Veicular*, CIPIE, Luanda.
- MACAI, Daniel, (1987), *A Discordância entre a Sintaxe da Língua falada e da Língua escrita como uma das causas do baixo aproveitamento em Português dos alunos regulares da 7.ª classe de Saurimo*, Trabalho de tese para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências da Educação, Lubango.
- MARTINHO, Ana-Maria Mão-de-Ferro, (1995), *A Língua Portuguesa em África: Educação, Ensino, Formação*, Pendor Editorial, Évora.
- MATA, Inocência, (1992), *Pelos Trilhos da Literatura em África*, Cadernos do Povo, Ensaio, Pontevedra, Braga.
- MELO, Maria Adelaide Magalhães; LIMA, Maria do Céu Barros de Sá, (1991), *Português Coloquial para estrangeiros*, 1.ª edição, Edições ASA.
- NETO, Agostinho, (1980), *Ainda o Meu Sonho*, Ed. 70, Lisboa.
- PARREIRA, Manuela J. Manuel de Castro, (1990), *Prontuário Ortográfico Moderno*, 1.ª edição, Edições ASA.
- Pe. SILVA MAIA, (1964), António, *Lições de Gramática de Quimbundo (Português e Bantu) Dialecto Omumbuí*, Edição e propriedade do Autor, 2.ª edição, Cucujães.
- PEDRO, José Domingos, (1993), *Étude Grammaticale du Kimbundu (Angola)*, Thèse de Nouveau Régime pour l'obtention du doctorat en Linguistique, Université René Descartes, Sorbonne.
- PEPETELA, *Alguns Dados Estatísticos sobre a Língua Portuguesa em Luanda*, s. n. d.
- PETRI, Dino, Sociolinguística, (1987), *Os Níveis de Língua, Um Estudo Sociolinguístico do diálogo na Literatura Brasileira*, 6.ª ed., Companhia Editorial Nacional, S. Paulo.
- Primeiro Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português, (1987), *Actas*, Lisboa.
- Primeiro Simpósio sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, (1968), *Actas*, Coimbra.
- QUINTÃO, José Luís, (1934), *Gramática do Kimbundu*, S/ editor.
- SANTOS, Odete, (1988), *O Português na Escola Hoje, Contributos para uma Pedagogia da Comunicação em Língua Moderna*, Cadernos O Professor, Caminho, Lisboa.
- TEYSSIER, Paul, (1990), *História da Língua Portuguesa*, Coleção Nova Universidade, 4.ª ed., Livraria Sá da Costa, Lisboa.
- THOMAS, Menga, (1986), *Enseignement des Langues Nationales au Département de Lettres Modernes de l'Institut Supérieur de Science de l'Education: sa portée dans la formation des professeurs de langues, notamment de français (projet)*, l'Institut Supérieur de Science de l'Education, Département de Lettres Modernes, Lubango.
- TRIGO, Salvato, (1977), *Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa*, Brasília Editora, Porto.
- UNESCO, (1981), *La Définition d'une Stratégie Relative à la Promotion de Langues Africaines*, Documents de la Réunion d'experts qui a eu lieu à Conakry (Guinée).
- Université de Haute Bretagne, (1981), *La Langue Portugaise en Afrique, (Nouvelle série VI) XXI, Travaux du Centre d'Etudes Hispano-américaines, Portugaises, Brésiliennes et d'Afrique d'Expression Portugaise*, Publié avec une subvention du Conseil Scientifique de l'Université.
- VENÂNCIO, Fernando, FONSECA, Fernando, (1985), *O Português entre as Línguas no Mundo, (Situação Histórica, Variedades)*, Livraria Almedina, Coimbra.
- WILLIAMS Edwin B., (1981), *Do Latim ao Português*, 5.ª ed., Tempis Brasileiro, Rio de Janeiro, 1991.



## COLEÇÕES

**MAYAMBA KUNYONGA** que significa «pensar» em cokwe, destina-se a textos na área das Ciências Sociais e Humanas.

**MAYAMBA BIBLIOTECA DA HISTÓRIA** integra textos de ensaio na área de História.

**MAYAMBA BIBLIOTECA DA SAÚDE** contempla obras de pesquisa em matéria de Ciências Humanas e afins.

**MAYAMBA BIBLIOTECA DA AGRICULTURA** é uma coleção dedicada às Ciências Agrárias e áreas conexas.

**MAYAMBA DIREITO** consagra obras das Ciências Jurídicas e do Direito enquanto tal.

**MAYAMBA ECONOMIA** fazem parte integrante desta coleção textos na área das Ciências Económicas.

**MAYAMBA BILINGUE** que, tal como a designação indica, integra textos bilingues, privilegiando a edição de obras em línguas angolanas e, deste modo, valorizar, promover e intensificar o uso do rico e diversificado património linguístico angolano.

**MAYAMBA DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS** é uma coleção que consiste unicamente em dicionários e enciclopédias.

**MAYAMBA ESCOLAR/EDUCAÇÃO** acolhe manuais escolares, obras científicas de natureza diversa e textos complementares de apoio ao ensino geral e universitário.

**MAYAMBA NZADI** é a coleção-rainha por excelência, dedicada à ficção narrativa, crónica, poesia e texto dramático. *Nzadi*, que significa «rio» em kikongo, traduz a corrente e a torrente imparável do imaginário e da criatividade humana e, em particular, a angolana.

**MAYAMBA OMÔLA-UMALEHE** significa «criança» e «jovem», respectivamente, são termos da língua umbundo, aqui utilizados para designar a coleção dedicada aos livros infanto-juvenis.

**O** estudo e a descrição da Língua Portuguesa em Angola é, ainda, incipiente, mas este idioma apresenta aqui usos peculiares que começam a exigir uma sistematização para permitir que, no futuro, eles possam ser considerados como integrando a variante do português de Angola.

Esta foi a razão que nos inspirou: o desejo de dar um modesto contributo para o estudo e sistematização do português em Angola – uma premência que se impõe, fundamentalmente por imperativos didácticos. Nesta óptica, a nossa opção foi direccionada para o estudo do emprego dos pronomes pessoais, uma das áreas de mais evidentes derivas, em relação ao português europeu padronizado, a referência do bom uso linguístico do português de Angola.

O estudo do emprego dos Pp restringir-se-á, aqui, a Luanda.

A descrição da norma do português relativamente a esta temática apresentou-se-nos como um imperativo. Alusões ocasionais serão feitas à variedade brasileira, por nos parecer existir uma grande afinidade no emprego dos Pp

entre o uso brasileiro e o uso angolano. Por outro lado, a fala brasileira convive, diariamente, com o público luandense de há alguns anos a esta parte, num programa televisivo de grande audiência: a telenovela.

Deste contacto com o português do Brasil, ressaltam já algumas influências no português de Luanda, que se evidenciam nas designações de alguns mercados da capital: «Roque Santeiro», «Beato Salu», «Asa Branca», «Os Trapalhões»...

Os brasileiros fazem um uso dos pronomes pessoais que se demarca do padrão de Portugal. Terá esse uso repercussões no emprego dos pronomes pelos angolanos, a exemplo da interferência a nível lexical? Provavelmente. Todavia, a nossa pesquisa não se debruçará, directamente, sobre essa vertente. Abordará, sim, a influência do substrato linguístico do português em Luanda – o kimbundu – que será analisado, no tocante à pronominalização, numa perspectiva sociolinguística.

*in* Introdução

